

AUTORA

RUTH IVONE PIRES MONTEIRO DA GRAÇA

**A ILHA DE SANTO ANTÃO
MITOS E CRENÇAS POPULARES**

**TRABALHO CIENTIFICO APRESENTADO NO ISE PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE LICENCIADO EM HISTÓRIA, SOB ORIENTAÇÃO DO
DR. JOSÉ MARIA SEMEDO**

**TRABALHO CIENTIFICO ELABORADO POR RUTH IVONE PIRES
MONTEIRO DA GRAÇA, APROVADO PELOS MEMBROS DE JÚRI E
HOMOLOGADO PELO CONSELHO CIENTIFICO, COMO REQUISITO Á
OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIADO EM HISTÓRIA**

O JÚRI:

Praia, _____ de _____ de 2005

Agradecimentos

Agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a feitura deste trabalho.

Um apreço especial vai para o meu orientador **Dr. José Maria Semedo**.

Ao departamento de História e Filosofia.

Aos professores do Instituto Superior de Educação, os meus agradecimentos pela capacidade demonstrada ao longo destes cinco anos.

A todos, muito obrigado.

Dedicatória

Ao meu marido José Graça e a minha filha Ruzeth Ivany, pelos sacrifícios feitos e paciência demonstrada para me facilitar a realização deste trabalho

ÍNDICE

Introdução	6
Capítulo I	
1- Enquadramento Histórico – Geográfico da ilha de Santo Antão	9
1.1- Situação Geográfica.....	9
1.2- Descoberta.....	10
1.3- Povoamento.....	10
1.4- Evolução da Sociedade.....	12
Capítulo II	
2 - Mitos e Lendas da Memória Social Santantonense	15
2.1- Aspectos Gerais e Conceitos	15
2.2- Análise das Mensagens dos Mitos e das Lendas	19
Capítulo III	
3- Manifestações de Crenças e Superstições em Santo Antão	22
3.1- Feiticeira/Bruxa	26
3.2- Encantadas	30
3.3- Espíritos	32
3.4- Mosong	36
Capítulo IV	
4- Superstições relacionadas com Momentos Importantes na vida e Certos Eventos Culturais da Ilha	39
4.1- Nascimento	39
4.2- Baptismo	42
4.3- Casamento	43
4.4- Morte	49
4.5- Festas de Romaria	51
Conclusão	61
Bibliografia	63
Anexos	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, anuncia a etapa culminante dos estudos académicos efectuados ao longo de cinco anos no Instituto Superior de Educação, visando a obtenção do grau de Licenciado em Ensino de História e enquadra-se na área de Cultura Caboverdeana, tendo como tema – A Ilha de Santo Antão – Mitos e Crenças Populares. Ainda tem por finalidade proporcionar a todos os leitores algumas informações que se consideram importantes mesmo sendo escassas e que ao mesmo tempo são marcas que tiveram grande impacto na nossa sociedade e que ainda hoje representam muito no espírito dos cabo-verdianos e em especial na sociedade Santantonense.

Com efeito, falar de Mitos e de Crenças é tocar num dos pontos importantes da cultura cabo-verdiana, pois, onde quer que o cabo-verdiano esteja, ele convive com esses factos. Eles estão presentes em quase todas as actividades quotidianas sejam de uma forma directa ou indirecta. Muitas vezes o indivíduo respeita algumas regras impostas pela sociedade mas dificilmente questiona as suas origens, principalmente quando se trata de uma ilha como a de Santo Antão, riquíssima em manifestações culturais. Estas manifestações constituem-se fenómenos humanos que vão passando de geração em geração acabando por fazer parte do nosso imaginário.

De acordo com João Lopes Filho, in Cabo Verde, Subsídios para um levantamento cultural, *“tradição é um marco temporal na História de um povo, tanto que deve ser encarada como uma narrativa cultural na esperança de que venha a existir uma compreensão global da sociedade e das aquisições folclóricas. Ainda Lopes Filho afirma que embora a tradição seja colectiva cada pessoa tem os seus valores próprios pelo papel que representam ou significam na comunidade, devido a aspectos muito característicos de cada actividade humana”*¹.

A sua intensidade enquanto estado de espírito manifesta-se de modo diferente e existe uma relação directa entre o espaço, o modo como se encontra organizada, a produção e a força com que esses fenómenos se manifestam.

¹ LOPES FILHO, João, - *Subsídios para um Levantamento Cultural*, Lisboa, Plátano, Editora, p,19

Segundo Teófilo Braga, “ *a alma e o sentimento que as superstições apresentam correspondem a um estado rudimentar da inteligência do homem: o terror do desconhecido.*”²

Este facto é exemplificado pela forma como alguns santantonenses manifestam a sua crença em forças sobrenaturais, assim, é desse terror que surge a ideia da existência de bruxas, feiticeiras, almas penadas, katxorronas, kenilinhas, esconjuros, orações, entre outros, para se defender dos malefícios que possam surgir.

Não constitui de forma alguma nossa intenção esgotar esse assunto dado a sua complexidade, mas julgamos gratificante escrever algo que diz respeito ao conhecimento de alguns aspectos culturais do lugar que nos viu nascer, pelo que pretendemos dar o nosso contributo para a cultura da nossa ilha.

Ao elegermos um estudo cultural da ilha de Santo Antão estamos cientes de que, pela complexidade e abrangência que encerra, não será possível abordar exaustivamente todos os assuntos que o tema sugere, mas sim, encontrar respostas convincentes a algumas questões que nos são suscitadas para a materialização deste estudo.

De acordo com os dados obtidos na pesquisa, o aspecto supersticioso é muito evidente em quase toda a ilha, isso porque as crenças aparecem como uma das manifestações mais fecundas e revelam de forma expressiva o substrato cultural santantonense. Muitas delas têm a sua origem em superstições oriundas tanto de uma cultura europeia como também de influências africanas.

Será que podemos dizer que o santantonense é supersticioso?

Até que ponto podemos afirmar que o santantonense é supersticioso?

São estas as questões que nos propomos responder ao longo deste trabalho.

Como procedimentos metodológicos, elegemos as pesquisas de campo, a consulta bibliográfica e inquéritos.

As pesquisas de campo serviram de base para a elaboração deste trabalho. Entrevistamos vinte santantonenses de diferentes estratos sociais. No entanto, outras fontes secundárias foram igualmente consultadas como pesquisas documentais em Internet, Bíblia Sagrada, artigos publicados e algumas obras sobre o objecto do nosso estudo.

Depois do tratamento dos dados, das informações e de uma análise, seleccionamos e materializamos a nossa pesquisa no presente trabalho que se encontra

² BRAGA, Teófilo, *O Povo Português nos seus Costumes Crenças e Tradições*, Lisboa, 1995, vol II, p,19

estruturado em quatro capítulos para além de uma introdução, de uma conclusão, da bibliografia e dos anexos.

No primeiro capítulo “Enquadramento Histórico-geográfico da ilha de Santo Antão” fizemos referência a situação geográfica, a descoberta, ao povoamento e a evolução da sociedade santantonense.

No segundo capítulo “Mitos e Lendas da memória social santantonense” abordamos alguns aspectos gerais e conceitos e fizemos uma análise das mensagens dos Mitos e das Lendas.

No terceiro capítulo “Manifestações de crenças e Superstições em Santo Antão” seleccionamos alguns pontos como: Feiticeira/Bruxa, Encantadas, Espíritos e Mosongaria.

No quarto e último capítulo abordamos superstições relacionadas com momentos importantes e certos eventos culturais da ilha que marca(ra)m a personalidade

É de salientar que ao longo da pesquisa o plano de trabalho sofreu algumas alterações, tendo em consideração aspectos que julgamos relevantes e que deveriam ser apresentados.

Deparamos com algumas dificuldades ao efectuar este trabalho, como o declínio da tradição oral provocado pelo desaparecimento físico de algumas figuras do povo que pudessem nos facultar informações necessárias para sua materialização assim como pouco acesso a certas bibliografias

Esperamos que este trabalho venha contribuir para compreender em parte a problemática das crenças e superstições na ilha de Santo Antão, para divulgar e preservar a sua cultura, como também para enriquecer a cultura cabo-verdiana.

CAPITULO I

1. Enquadramento Histórico-Geográfico da Ilha de Santo Antão

1.1.SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

Santo Antão é a ilha mais setentrional do arquipélago de Cabo Verde. Dista do meridiano de Greenwich 25°1'30" do lado leste, 25°22" do Oeste e do equador 16° 30" sul e 17° 12' 30" Norte.

É a segunda maior ilha do arquipélago, e possui uma superfície de 779km². Possui um sistema orográfico muito denso, estruturado morfologicamente a partir de uma grande dorsal que percorre a ilha de Este a Oeste, com altitudes que ultrapassam os 1500 metros, em vários pontos. Encontramos a maior quota no topo de Coroa com 1979 metros.

Desta Cordilheira central partem, maioritariamente em sentido Norte-Sul, as grandes ribeiras que vão até à costa. Estas ribeiras de impressionantes barrancos e de bordos verticais, são o resultado das escavações por uma intensa erosão hídrica ao longo das eras geológicas. Os elementos orográficos constituem o registo mais singular da paisagem da ilha, pela adaptação que deste acidentado território permitiu ao homem a prática da actividade agrícola e o assentamento de povoações, em que aproximadamente 60% da área cultivável é obra dos santantonenses, constituindo terraços, com paredes de pedras nas encostas inclinadas.

A costa é abrupta, predominando os montes íngremes. As praias são praticamente inexistentes, localizando-se no desembocadouro das principais ribeiras.

Com efeito, a natureza do relevo, ao impor limites às extensões de terra arável, desenhou uma orla marítima difícil para a actividade piscatória em determinadas zonas e épocas do ano.

1.2. DESCOBERTA

Não há unanimidade entre os historiadores acerca da data concreta da descoberta da ilha de Santo Antão.

Segundo Lopes de Lima, nenhum cronista indica concretamente a data da descoberta de Santo Antão, “... mas não podia elle deixar de ser simultâneo com a das mui vizinhas de S. Nicolau, Sta Luzia e S. Vicente ...”³

De facto, estas ilhas estão muito próximas do quadrante Nordeste que as tornam visíveis uma das outras à navegação costeira, presumindo-se que tenha sido descoberta na mesma altura em que as outras o foram, embora se admita que “está envolto em certa obscuridade”⁴.

Orlando Ribeiro cita-nos dois diplomas que se refere à descoberta das ilhas de Santiago, Fogo, Maio Boavista e Sal e a Carta régia de 19 de Setembro de 1462, que acrescenta as ilhas da Brava, S. Nicolau, S. Vicente, Santa Luzia e Santo Antão já descobertas.

Assim sendo, podemos admitir a data de 1462 como sendo a da descoberta de Santo Antão, e inferindo da tradição oral, podemos afirmar que a ilha foi encontrada no dia 17 de Janeiro de 1462, pois era habito atribuir ao lugar descoberto o nome do Santo do Calendário religioso.

1.3 POVOAMENTO

A ilha de Santo Antão permaneceu por muito tempo desabitada. Quase um século após a sua descoberta mais concretamente em 1548 deu-se início o seu povoamento.

³ LIMA, Lopes – *Ensaio sobre Estatística das Possessões Portuguesas na África Ocidental e Oriental*, Lisboa, Imprensa Nacional 1844, p.72

⁴ RIBEIRO, Orlando – *Primórdios da Ocupação das ilhas de Cabo Verde*, 1955, p.5

Entre 1506 e 1508, o cronista e impressor Valentim Fernandes definia a ilha do seguinte modo: “*Santo Antão é alta e fragosa, despovoada, com muitas cabras, muitas águas boas e grandes arvoredos e dragoeiros*”⁵.

Conclui, portanto, o referido cronista que durante os cerca de noventa anos que mediaram entre o seu achamento e o povoamento, apenas rebanhos de cabras, descendentes das que seriam deixadas, como era habito, pelos primeiros navegadores que ali aportaram, percorriam livremente a ilha, multiplicando-se rapidamente, exercendo uma pressão cada vez maior sobre a cobertura vegetal.

Ainda nas primeiras décadas de 1600, segundo o Padre António Brásio, “*a ilha era ainda despovoada e nela não havia mais do que gado*”⁶

Por conseguinte, atendendo à data da descoberta da ilha que foi em 1462, e que na primeira década de 1600 encontrava-se despovoada, leva-nos a concluir que o seu povoamento só se iniciava após quase um século e meio do achamento.

Devido a criação de gado eram mandados escravos para a ilha, nos finais do século XVI. A carta de doação de 17 de Outubro de 1593, concedida por D. Filipe a D. Francisco de Mascarenhas é elucidativa: “*que tome posse do gado e escravos e de todos os móveis existentes na ilha, pertencentes a Beatriz de Távora mulher de Gonçalo de Sousa, a qual ficarão somente as terras que o seu marido e seus sucessores tinham e compraram nas ilhas*”⁷

Segundo Agostinho Rocha, a ilha “*... foi primeiramente povoada por algarvios e africanos vindos de Santiago, a que se juntaram ilhéus, madeirenses e açorianos, (mas isso dá-se no século XIX), espanhóis judeus, norte-americanos, italianos e outros*”⁸. Não há indicação da fonte utilizada por este autor e por conseguinte, achamos pouco conveniente tomar essas informações como seguras.

De facto, a ilha de Santo Antão foi povoada muito tempo depois da sua descoberta, e podemos afirmar que o povoamento não foi feito somente por escravos da Guiné, mas também com um número reduzido de brancos que foram enviados de início e que permitiram uma grande miscigenação.

Em 1759, vimos que a ilha foi revertida à coroa e segundo Lopes Lima, “*toda povoada d’escravos que os seus donatários alli tinham introduzido de Guiné, e com os*

⁵ DINIZ, A Castanheira e MATOS, G. Cardoso – *Carta de Zonagem agro – ecológica e da Vegetação de Cabo Verde, Ilha de Santo Antão*, Lisboa, 1999.

⁶ BRÁSIO, Pe. António, *Monumenta Missionaria de Cabo Verde* vol. IV, p. 162

⁷ BARCELOS, Cristiano José de Senna, *subsídios para a Historia de Cabo Verde e Guiné, Partes I e II*, 1899, p. 174

⁸ Rocha, Agostinho – *Subsídios para a Historia de Santo Antão*, 1462 – 1985, P8

quais a tinham unicamente colonizado, sem admitirem casaes europeus”⁹. No entanto, parece haver contradição nessa afirmação de Lopes de Lima quando afirma que a ilha tinha sido povoado apenas por escravos da Guiné, pois que na mesma obra escreve: *“todavia desde aos finais do século passado (séc. XVIII) começaram a acudir famílias europeias, que ali se fixaram convidados pela excellência dos ares e fertilidades da terra...”*¹⁰

Naturalmente que a agricultura era a principal actividade da ilha, era desenvolvida directamente pela fazenda real. Refira-se a exploração do sangue-de-drago, o fabrico do sal, tecelagem e fabrico de sabão. Estas actividades exigiam uma abundante mão-de-obra, e esta não faltava já que a coroa dispunha em Santo Antão, na primeira metade do século XVIII, mais de meio milhar de escravos, distribuídos por todas as ruas da Ribeira Grande. A estes poderiam somar-se os moradores do Paul e Janela, em número que em rigor, desconhecemos.

*A população da ilha havia crescido, e a de todo o arquipélago era estimada nos começos de 1731, em 29.831 habitantes, dos quais 59% residem em Santiago. A ilha de Santo Antão tinha, então, 4.302 pessoas o que representava 14% da população do arquipélago e, a sua segunda ilha mais populosa (...)*¹¹.

A população repartia-se por dois grupos: os forros e os mestiços com valores quase idênticos (maior numero), os brancos em número reduzido e os escravos eram cerca de 15% da população da ilha.

1.4. EVOLUÇÃO DA SOCIEDADE

Santo Antão é a segunda maior ilha de Cabo Verde em superfície. Possui suas características próprias, mas não podemos desligá-la de todo o contexto do arquipélago.

Esta ilha, como as restantes conheceu na sua história flutuações demográficas intimamente relacionadas com factores de ordem ambiental.

As secas, sobretudo quando são prolongadas, provocam fomes e mortes à população. A resistência a tais flagelos e a luta que se tornaria notável pela forma como

⁹ LIMA, Lopes – 1844, p.73

¹⁰ Id, Ibid, p. 74

¹¹ MATOS, Artur Teodor de – *Jornadas Históricas*, Santo Antão (1724-1732)

a população da ilha se revela em associar a sobrevivência com a preservação dos recursos hídricos, de combate a erosão e a desertificação abrindo estradas em condições difíceis sem as quais a subsistência, praticamente não seria possível.

Quadro nº1 Evolução da População – 1940 – 2000

Ano	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Habitantes	35.977	28.378	33.953	44.632	43.321	43.845	47 124

Fonte: Recenseamento Geral da População (RGPH) 1990

Da análise do quadro, verificamos que a evolução demográfica da ilha é caracterizada por um crescimento inicial muito rápido e por uma relativa estagnação a partir dos anos 40. Nesta década há um decréscimo da população, chegando mesmo a perder 21% da sua gente, devido a fome, originada pela seca que assolava a ilha e todo o arquipélago de Cabo Verde. A partir de 1950, volta a crescer, embora com um ritmo inferior à média nacional até 1970. Entre 1970 e 1980, verifica-se uma nova diminuição da população, situação inversa àquela que se registava no país, que embora o crescimento tivesse diminuído o seu ritmo, a população continuava a aumentar em consequência da diminuição da mortalidade, assim como a elevada taxa de natalidade.

Entre 1980 e 1990, verifica-se um novo crescimento de 1,2%. Por esta altura a taxa de crescimento anual média de Santo Antão era de 0,12%. De 1990 a 2000 houve um aumento considerável da população.

A densidade populacional média da ilha é de 52 habitantes por km², mas a distribuição territorial é bastante dispersa. A maior parte da população está concentrada no Norte da ilha (cerca de 66%), nos concelhos, da Ribeira Grande com mais de 125 habitantes/km² e do Paúl com mais de 147 habitantes/km², onde existem, maiores potências agrícolas, clima mais favorável e maior quantidade de água.

O Concelho da Ribeira Grande, não obstante ser o mais populoso da ilha, tem experimentado um decréscimo populacional, que vem acentuando ano após ano, passando de 51,8% para 51,0%, entre 1970 e 1980; de 47,5% para 45,75% entre 1980 e 1990 e finalmente para 45,7% no ano 2000.

O Concelho do Paúl tem conhecido uma estagnação demográfica, cerca de 8.000 habitantes desde 1970, representando 17,7%, no ano 2000 tinha uma população de 8325 habitantes, mantendo a mesma percentagem em relação ao total da ilha.

O concelho do Porto Novo tem registado um crescimento positivo, movido em parte pelo aumento da população da vila que nos últimos 10 anos cresceu a um ritmo de 3,8%. No cômputo geral representava 36,6% do total dos residentes no ano 2000.

A população de Santo Antão é essencialmente rural, aproximando-se dos 80%.

Verifica-se que nos concelhos do Paúl e da Ribeira Grande, a taxa de urbanização é menor do que no concelho do Porto Novo, em virtude de se tratar de concelhos agrícolas, onde as condições para a fixação humana são menos favoráveis. A alta taxa de urbanização do Porto Novo explica-se pelo elevado êxodo rural, provocado pelas secas que têm assolado os outros concelhos da ilha.

Quadro nº Evolução e distribuição da população por concelhos – Santo Antão, 1960-200

Concelhos	1960	%	1970	%	1980	%	1990	%	2000	%
Rª Grande	17.246	50,8	23.197	51,8	22.102	51,0	20.851	47,5	21.560	45,7
Paúl	6.024	17,7	8.026	17,9	7.983	18,4	8.121	18,5	8.325	17,7
P. Novo	10.683	31,5	13.593	30,3	13.236	30,6	14.875	33,9	17.239	36,6
Total	33.953	-	44.816	-	43.312	-	43.785	-	47.124	

Fonte: Censos – INE

Verifica-se que a nível interno, o movimento populacional traduz-se no êxodo rural, com maior incidência no eixo em direcção do Porto Novo, isto é visível através do crescimento que esta vila vem apresentando, em detrimento do interior do concelho.

Devido as secas constantes e poucas alternativas económicas, as pessoas deslocam-se para o centro dos concelhos e daí para outras ilhas, sobretudo a ilha de São Vicente e recentemente têm-se verificado algum movimento para a ilha do Sal, que tem oferecido nos últimos anos empregos na área da construção civil.

Quanto a emigração para o exterior do país tem-se verificado algum movimento principalmente para os países da Europa (Holanda, França, Luxemburgo, Itália, etc.). No entanto, a emigração vem diminuindo significativamente porque os países ocidentais vêm fechando as suas fronteiras aos emigrantes.

Estima-se a emigração em cerca de 1% da população, ou seja, cerca 400 pessoas por ano emigram a procura de melhores condições de vida.

CAPÍTULO II

2. MITOS E LENDAS DA MEMÓRIA SOCIAL SANTANTONENSE

2.1. ASPECTOS GERAIS E CONCEITOS

Antes de começar o desenvolvimento do tema, vamos expor os conceitos que pensamos serem mais importantes no estudo e compreensão da problemática.

Mito – *expressão simbólica de situações profundamente humanas de sentimentos e pressentimentos indefinidos, visões fantásticas, desejos e terrores, e de explicações elementares do universo e da vida, sem a mediação rigorosamente consciente da filosofia, da ciência ou da teologia. Variadíssimo conteúdo dos mitos que existem em todas as sociedades e em todas as idades brotando dos acontecimentos ligados com a divindade, os fenómenos da natureza, as forças ocultas, o inconsciente, a imaginação, a emoção etc.*¹².

Lenda – *narrativa de acontecimentos fantásticos, tradição popular, conto, história fabulosa, mentira, invencionice*¹³.

Lenda – *episódio heróico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, a lenda, possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou a vida de um herói, sendo parte ou não todo biográfico ou temático. Conserva as quatro características do conto popular: Antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. Os processos de transmissão, circulação, convergência são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral (...) Muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um*

¹² Grande dicionário, Enciclopédico verbo II volume, Editorial verbo, Lisboa/São Paulo) p. 850.

¹³ Grande Dicionário, Enciclopédico verbo II volume, Editorial, Lisboa/São Paulo).

*tema central, com área geográfica mais ampla e sem exigência de fixação no tempo e no espaço. A lenda da mãe-d'água, a lenda de Santo António evidencia no seu próprio enunciado, as diferenciações do mito de Perseu, do mito de velócino de ouro*¹⁴.

Crença – *acto ou efeito de crer, fé religiosa, convicção, confiança, credence*¹⁵.

Superstição – *sentimento religioso baseado no temor ou na ignorância, e que leva ao receio de coisas fantásticas, ao cumprimento de supostos deveres e a confiança em coisas vãs ou ineficazes, presságio infundado, credence, preconceito, excessiva credulidade, fanatismo*¹⁶.

Resultam essencialmente do vestígio de cultos desaparecidos ou da deturpação ou acomodação psicológico de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular. São milhões de gestos, reservas e actos instintivos, subordinados à mecânica do hábito como gestos reflexos. As superstições participam da própria essência intelectual humana e não há momento na história do mundo sem sua inevitável presença. A elevação dos padrões de vida, o domínio da máquina, a cidade industrial ou tumultuosa em sua grandeza assombrosa, são outros tantos viveiros de superstições, velhas, renovadas e readaptadas às necessidades modernas e técnicas. Todas as profissões têm o seu “corpus” supersticioso, e aqueles que confessam sua independência absoluta da superstição é porque não chegaram no instante da confiança reveladora (...) A superstição é sempre de carácter defensivo, respeitada para evitar mal maior ou distanciar sua efectivação. Os sinais exteriores são os amuletos que, incontáveis, transformaram-se em adornos e jóias e vivem na elegância universal dos nossos dias. Essa legítima defesa estende-se às zonas mais íntimas do raciocínio humano e age independentemente de sua acção e rumo¹⁷.

Rito – *acto com significação social celebrativa (cerimónia) realizado no domínio do sagrado. É mágico quando pretende manipular seres “sobrenaturais”, religioso se visa comunicar com esses seres. Há rito de união com o sagrado (através do toque, o ósculo, a unção, a imposição de mãos, a dança a união amorosa e o banquete sagrado.*

¹⁴ Dicionário do folclore Brasileiro Edição melhoramentos em convénio com o instituto Nacional do livro, de Luís da Câmara Cascudo, pgs. 434, 435.

¹⁵ Grande Dicionário Enciclopédico volume II, p. 731.

¹⁶ Grande Dicionário, Enciclopédico verbo II volume, Editorial, Lisboa/São Paulo p. 549

¹⁷ Dicionário do folclore Brasileiro Edição melhoramentos em convénio com o instituto Nacional do livro, de Luís da Câmara Cascudo, p. 723

Os mitos constituem narrações cujas personagens são seres sobrenaturais, nas quais o elemento humano é totalmente excluído com vista ao enaltecimento de um feito supostamente histórico, levado a cabo por um deus ou um semi-deus (um herói) em defesa de determinados ideais. Os mitos são, por conseguinte, uma imaginação da mente humana, algo que não se realiza na história, ou seja, tem lugar fora do domínio da factual.

As lendas embora sejam também narrativas imaginadas já possuem alguma correspondência com a vivência dos homens, uma vez que já apresentam personagens humanas ou que tem uma relação directa com estas.

Ao fim ao cabo, os mitos e as lendas têm uma função comum e pontos de confluência como por exemplo: o reforço a tradição.

Segundo João Lopes Filho, in Cabo Verde, subsídios para um levantamento cultural, “Os mitos e as lendas são (...) indispensáveis a todas as culturas. Enquanto afirmações de realidades primárias, que ainda vivem na experiência quotidiana e enquanto justificativas pelo precedente, proporcionam um padrão retrospectivo de valores morais, de ordem sociológica e das crenças mágico-religiosas”¹⁸

A mitologia, ou seja, o estudo dos mitos, mostra-nos que estes são tão velhos como a humanidade. Os homens primitivos na impossibilidade de explicar racionalmente o funcionamento da natureza e a forma como manifesta os seus fenómenos conceberam explicações, segundo as quais os deuses (seres sobrenaturais) que são responsáveis pelas manifestações naturais.

Pelo que nos é dado entender sobre a humanidade, não há povo sem mitos e lendas, assim como não há povo sem cultura, como também não há povo sem “alma”. Cabo Verde e a ilha de Santo Antão não fogem a regra. É claro que os seus mitos se manifestam de uma forma particular e muito próprias consoante as suas inquietações. É assim que, com as adversidades climáticas do país suscitam no cabo-verdiano uma forma particular de procurar e encontrar respostas para que ele mais deseja. Uma delas, é saber se chove ou não num determinado ano. Para tal, acredita de que Deus se comunica através da natureza, o camponês da ilha de Santo Antão, em particular, dá largas à sua imaginação na procura de resposta sobre a possibilidade ou não de um ano sem “castigo divino”, e por conseguinte, de uma boa ou má colheita.

¹⁸ LOPES FILHO, João – *Cabo Verde, Subsídios para um Levantamento Cultural*, Plátano, Editora, Lisboa, 1981.

Assim, ele recorre a um número incalculável de mitos e lendas como sendo sinais que, na melhor dos casos, servem de incentivo à sua persistência que tanto o caracteriza, mas ao mesmo tempo reflecte a sua profunda crença no criador que não anda de costas voltadas para sua criatura.

A crença em determinada coisa, muitas vezes está ligada a lei religiosa. E por não o saber explicar, são considerados mistérios ligados ao sobrenatural e neste caso fontes inesgotáveis de mitos e superstições.

Com o surgimento da religião, determinadas crenças ficaram no mesmo plano que a fé, daí que o homem começa a acreditar em determinados princípios.

Deste modo, as crenças que circulam entre a nossa gente, são recebidas tanto dos europeus como dos africanos.

Assim, segundo Lopes Filho, expressões como “gongon”, “bejon”, “kenilinha” entre outras foram designações impostas pelos colonos, que emitiam vozes e criavam figuras medonhas para afugentarem os escravos fujões que iam furtar nas suas propriedades. Os relevos montanhosos e os profundos vales sombrios como os da ilha de Santo Antão facilitavam grandemente os colonos nessa tarefa. Uma vez que sentiam prejudicados com os assaltos dos escravos, emitiam vozes estranhas, preparavam cenários para os afugentar.

E como durante muitos anos, o povo das ilhas viveu num constante isolamento, fazendo com que a população fechasse sobre si.

Sendo geralmente representações deturpadas de fenómenos que ultrapassavam o conhecimento dos que neles acreditam, naturalmente condicionaram fortemente a vivência das pessoas tanto do ponto de vista pessoal como social limitando a capacidade de raciocínio lógico e de desenvolvimento cultural.

Assim, a tendência era seguir as tradições devido a vivência de centenas de anos sob o domínio colonial, que não criou condições para que o desenvolvimento científico enraizasse nas nossas ilhas. Por isso, muitos dos mitos e das lendas, chegaram até nós, pela via da tradição oral, devido a sua força reguladora e normativa como são por exemplo os tabus.

2.2. ANÁLISE DAS MENSAGENS DOS MITOS E DAS LENDAS

Os mitos e as lendas são carregados de funções sociológicas indicando ao indivíduo ou a um determinado grupo social a via que deve seguir, evitando assim dissabores durante o seu percurso. Têm por conseguinte, um carácter normativo, e por isso, de regulação social.

Os mitos e as lendas como formas de superstições são narrativas que trazem em si certa moral, visando condicionar o comportamento das pessoas. Ao fim ao cabo, não são mais do que regras através das quais os indivíduos devem orientar os seus comportamentos e a sua própria vida, daí serem vistas ainda como instrumentos de regulação e coesão social, por pretenderem impor um padrão comum de convivência social. Isso é visto nos tabus, nos medos, nos provérbios, etc.

Podemos dar como exemplo o tabu do aborto, muito alimentado pela religião católica, pois o aborto é encarado como um atentado a vida humana, algo sagrado por ser uma criação de Deus. Abortar significa pois, um acto de profanação, portanto, um pecado severamente punido por Deus.

Essa crença, como se pode ver, cria nas pessoas o sentimento de respeito e temor em relação as leis de Deus, levando-as a comportar-se numa determinada direcção.

Com efeito, é fácil crer que os tabus estão ligados as “superstições coercivas”.

No dizer de João Lopes Filho, *“Tabu designa-se normalmente, uma pessoa, objecto ou acto cujo afastamento é exigido por ter carácter sagrado (...) inspira respeito temeroso, pois a sua violação pode suscitar castigos de origem sobrenatural, possíveis de abaterem-se tanto sobre o profanador como sobre o grupo a que pertence”*¹⁹

Ainda podemos fazer referência aos medos que segundo João Lopes Filho, foram invenções do tempo da escravatura com o objectivo de se ter um instrumento para dificultar a fuga dos escravos e proteger as propriedades de eventuais intrusos.

Também o recurso aos medos era um meio de educação. A criança era ameaçada a obedecer através da invenção de seres fantásticos, histórias de fadas, lobisomens, gongon etc.

¹⁹ LOPES FILHO, ob,cit p. 112

Nos provérbios, adquirimos a sabedoria popular, que encerram toda a experiência da colectividade. Os provérbios além de entreterem as pessoas intelectualmente, são educativos por exprimirem valores e normas teóricos do povo. São também reflexos da sabedoria popular e expressão da ideologia do grupo social dominante na prática do quotidiano duma comunidade como é o caso dos grupos de anciãos.

Essas crenças foram passando de geração em geração através da tradição oral acabando por ganhar formas diferentes fazendo parte do imaginário do povo das ilhas.

Por conseguinte, as lendas e os mitos procuram impor a vivência social determinadas normas e regras de comportamento criando assim uma verdadeira ordem sociológica.

Os mitos estão muito relacionados com as crenças e por sua vez tem origem, ou pelo menos têm muita ligação com a religião. E exercem uma função sociológica como havia dito anteriormente, seja para glorificar um determinado grupo social, exprimir direitos e por vezes estatutos contrapostos e rivais.

São contados para justificar, reforçar ou codificar as práticas e as crenças da organização social totalmente revestidos pelos ritos. A repartição dos ritos produz o enraizamento dos mitos de tal forma que parecem ter uma função tanto natural como o instinto. Mesmo exprimindo contradições e incoerências várias são toleradas pela sociedade que os adopta.

Segundo Levi-Strauss, o mito e o rito complementam-se em domínios de natureza igualmente complementares: “o valor significativo do ritual parece instalado nos instrumentos e nos gestos”²⁰. São criações culturais e têm o seu modo próprio de “coerências” e podem prestar-se a aspectos lúdicos, estéticos ou ilusionistas. Estão quase sempre ligadas as circunstâncias que comandam a sua produção: estação ou fases da vida de um individuo, circunstanciais, naturais, ou sociais ou ainda acidentes da vida individual.

A crença numa entidade sobrenatural (ser ou força) produziu sempre no homem, atitudes afectivas ou emocionais face aos mesmos e procuram obter através dos ritos o favor dos Deuses e afastar o mal.

²⁰ BERNARDI, Bernardo. *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, Lisboa. Edições 70. 1988.

Segundo Malinowski, *“determinado rito só poderá ser compreendido se pusermos em evidência a forma pela qual ele se liga ao económico ou ao político, definindo a sua função a diferentes níveis, explicando a sua razão de ser”*²¹.

Quer dizer que os mitos e as lendas têm uma função utilitarista precisa e estão inseridos num sistema social. Contudo, é bom dizer que esta visão tem sido alvo de críticas devido ao pouco espaço que deixa para o desenvolvimento cultural.

Em cabo Verde concretamente, há uma mistura entre o sagrado e o profano originando um sincretismo cultural por causa dos vários elementos em presença. O sagrado é elaborado pela própria sociedade, enquanto que o profano é constituído por cada um de nós, através dos dados dos nossos sentidos e da nossa própria experiência.

Os mitos, conservam uma actualidade viva, embora tenha originado dos povos antigos, considerados selvagens por conseguinte, são aceites e conservados por tolerância, respeito e confirmam a fé. Repetindo-os, são regenerados, restaurados e actualizados através dos ritos. Por vezes, os eminentes seres que as pessoas evocam, aparecem em “carne e osso”.

Mas, actualmente, muitas das crenças deixaram de existir, ou vêm perdendo credibilidade, a medida que os anos passam, sob efeito da escolarização, cristianização, da globalização que vem transformando o mundo numa grande aldeia cada vez mais exposta.

Mas, isto não quer dizer que Cabo Verde e em particular Santo Antão esteja com menos crenças. Uma podem-se estar perdendo terreno mas outras estejam nascendo e revigorando porque o homem não consegue viver sem as crenças; isto é, ao rejeitar umas, cria outras de acordo com o conteúdo das mesmas e dos reflexos na vida.

²¹ MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma Teoria Científica da Cultura*, Lisboa. Edições 70. 1997.

CAPÍTULO III

3 - MANIFESTAÇÕES DE CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES EM SANTO ANTÃO

De todos os fenómenos sociais que formam o objecto da etnologia, a superstição é o mais difícil de coordenar sistematicamente uma vez que é uma área muito abrangente, onde estão envolvidas formas de viver e de estar de todas as camadas sociais.

No dizer de Teófilo Braga “As superstições são sempre o vestígio da ruína de uma religião quer na sua hierologia, a crueldade nos espíritos malévolos, quer na sua parte litúrgica, os ritos propiciatórios das cerimónias angurais”²²

Muitos santantonenses à semelhança de algumas pessoas das outras ilhas de Cabo verde acreditam em factos que podem dar sorte ou azar, fazer bem ou mal, propiciar vantagens ou polarizar maléficos. Neste sentido, acreditam também que há formas de anular a força positiva ou negativa de qualquer elemento, daí recorrerem a amuletos (que pode ser uma pequena bolsa de fragmentos de orações, versículos da Bíblia Sagrada), a esconjuros, a orações e a certas cerimónias para se defender dos possíveis maléficos que possam surgir (azar, mal feitiço, mau olhado “oiada”).

Segundo Teófilo Braga “A forma e o sentimento que as superstições apresentam correspondem a um estado rudimentar da inteligência do homem: o terror do desconhecido”²³.

Esse facto é exemplificado pela forma como alguns santantonenses manifestam a sua crença em forças sobrenaturais, e é por isso que surge a ideia da existência de feitiçaria, espíritos maus, “bejon” “kenilinha” entre outros.

²² BRAGA, Teófilo, *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, Lisboa, Publicações D. Quixote Vol. II p. 18

²³ BRAGA, Teófilo, ob. Cit. Vol. II p.19

Da mesma forma, vigora a crença de que a alma do outro mundo regressa ao mundo dos vivos. Algumas pessoas acreditam que quando alguém morre sem pedir ou receber perdão dos seus pecados regressa ao mundo dos vivos com o objectivo de o fazer. Por isso, acreditam que as almas entram nas pessoas, outras acham que a alma de um defunto pode regressar ao mundo dos vivos para pedir e receber perdão, mas sem entrar no corpo das pessoas. Essas crenças também são conhecidas nas tradições portuguesas.

De acordo com Teófilo Braga “As almas dos mortos também costumam meter-se nos corpos dos vivos, a que vulgarmente se chama ter espírito, que corresponde aos fenómenos patológicos do histerismo e da epilepsia; quando fala uma alma, em alguém, é para pedir o cumprimento de alguma promessa, e crê-se que ela abandona o corpo na forma de uma pomba”²⁴.

A vida em todas as suas manifestações e relações está cercada de crenças agoiros que passaremos a citar:

- Para muitos camponeses da ilha de Santo Antão, a viscosidade de algumas árvores ou plantas num determinado período do ano constitui sinal seguro de boas águas. Caso contrário, está-se perante um mau ano agrícola;
- A exuberância do florir dos sisais (carrapato) num determinado ano será sinal de boa colheita de feijão;
- O piar incessante da passarinha de pena azul durante a época das águas será o preludio de uma boa chuvada. Salienta-se que esta “passarinha” é para muitos a ave mensageira de Deus e portanto sagrada, e, como tal, nunca deve ser maltratada e muito menos morta;
- Quando a lua se apresenta coroadada de vermelho durante o período das águas será uma tempestade eminente, ou pelo menos muita chuva dentro de pouco tempo;
- Quando uma pessoa passar debaixo duma árvore é bom dizer nome de Deus;
- Apontar as estrelas faz nascer verrugas;
- Quando há trovoadas é um sinal que Deus manda para atormentar os homens que cometem pecados e maldades na terra;
- Esconjurar ou benzer quando o vento faz redemoinho a nossa frente;
- Esconjurar quando um pássaro passar sobre nós;

²⁴ Idem, *Ibidem* vol.I p. 177

- À noite, a partir das dezoito horas, não se deve passar junto de um chiqueiro de porcos, porque pode ser atacado pelos Diabos;
- Não voltar a cara para trás quando andamos à noite;
- Quando alguém está de regresso à casa depois da meia-noite deverá entrar de costas para dentro;
- Não dar de empréstimo, sal ou petróleo a noite;
- Não se deve apanhar o lixo quando se varre a noite;
- Não comer a altas horas da noite porque será pegado pelo pesadelo;
- Sonhar com carne de porco significa morte. Se se sonhar que está a comê-la, a morte será de um membro da família;
- Sonhar com ovo é confusão;
- Sonhar com sangue é sinal de desgosto;
- Sonhar que alguém morreu, significa que essa pessoa terá ainda muitos anos de vida;
- Não contar sonhos em jejum porque atrai o mal;
- A mulher menstruada não deve regar ou tocar nas plantas porque podem secar;
- A mulher que acaba de ser mãe não deve lavar a cabeça durante 30 dias; ela deve ficar sem tomar banho 40 dias, caso o bebé for menina, 41 dias, se for menino, ela deve evitar sair a noite, visto que o orvalho nocturno pode provocar a demência;
- A mulher grávida não pode comer malagueta porque a criança nascerá a babar; ela não pode presenciar rituais da morte para não provocar a morte da criança; não pode observar muito numa pessoa deficiente para que o bebé não nasça com algum defeito;
- Um homem cujo primeiro filho for menina será muito sortudo;
- Mancha branca nas unhas é sinal de que a pessoa terá muita sorte;
- Comichão na palma da mão direita é dinheiro que irá receber;
- Quando uma pessoa é roubada ou insultada nas épocas festivas do Natal e da Páscoa vai a caixinha das almas nas igrejas depositar algumas moedas pedindo a Deus ou aos santos a devolução da coisa roubada ou a descoberta do ladrão ou ainda a vingança do insulto, assim passados alguns dias o pedido será concretizado;

- Passar o dinheiro entre as pernas quando desconfiamos de alguém com quem negociamos;
- Não colocar crianças a frente do espelho sem serem baptizadas;
- O primeiro cabelo que se corta a uma criança não deve deitar-se fora, porque as bruxas podem causa-la algum mal se encontrar o cabelo;
- Não deixar crianças sozinhas em casa sem um resguardo;
- Não chorar demais os bebés que morrem, evitando que virgem Maria os abandonem;
- Não contar histórias de dia porque os olhos podem pelar;
- Treze pessoas não podem sentar-se a mesma mesa;
- Não deixar gato preto passar entre as pernas;
- Ver uma coruja durante o dia dá azar;
- Deixar uma trepadeira subir nas paredes da casa protege contra o mal;
- Passar debaixo de uma escada dá azar;
- É mau agouro abrir um guarda-chuva dentro da casa;
- Colocar um chapéu sobre a cama dá azar;
- O badalar de sinos espanta os demónios;
- Deixar sapatos virados de sola para cima dá azar;
- Lançar sal dá azar, a menos que se jogue um pouco sobre os ombros esquerdo;
- Quebrar um espelho dá sete anos de azar;
- Deixar uma vassoura encostada na cama permite que os espíritos maus na vassoura lancem um feitiço na cama;
- Se duas aves brigarem por cima de uma localidade, significa que dentro em breve alguém há de morrer;
- Há quem pense que não pode gabar o que quer que seja, sob pena de provocar a ruína dessa mesma coisa;
- Há quem acredite que não pode encontrar-se com um indivíduo de manhãzinha, quando este for a primeira pessoa a ser encontrada depois de ter saído à rua porque dá azar;
- Há quem acredite que o vermelho simboliza o mal, o branco simboliza a paz e a pureza, o preto simboliza o luto e a tristeza, o verde a esperança, e o azul a juventude.

Ainda para além dessas crenças, existem outras a que chamamos de medo e que passaremos a enumerar alguns deles para de seguida descrevendo cada um:

- Feiticeira/Bruxa (Fetesera, Bruxa)
- Encantadas
- Espíritos
- Mosong

3.1 - FEITICEIRA/BRUXA

A feiticeira é uma crença que, no passado, teve grande impacto na sociedade santantonense. Esse facto é evidenciado nos rituais de guarda cabeça, e pela forma como as pessoas preservam os seus filhos quando surge alguém apelidado de feiticeiro. Para aqueles que acreditam, feiticeiro trata-se de uma pessoa dotada de poderes sobrenaturais ou que aprendem esta arte através dos livros (ex: São Cipriano) ou mesmo com outras pessoas com experiência neste assunto.

Existe dois tipos de feiticeiros: o que possui poderes para efectuar artes mágicas (curandeiros), fazendo o bem as pessoas; e o que possui poderes apenas para efeitos maléficos por praticarem a magia negra-feitiço (bruxas).

O primeiro tem a habilidade de anular o mal, favorecendo ou prejudicando alguém. Esta prática poderá impedir que um crime seja punido pela justiça, para que uma pessoa mal amada seja amada, para que determinadas pessoas se fiquem bem sucedidas ou se desorientem na vida, para que se consigam determinados poderes: podem também cortar o mal que os outros feiticeiros fazem. Por exemplo, curam os maus-olhados, quebrantes.

Lêem a sorte das pessoas, utilizando cartas ou uma pedra especial que emite a luz reflectida pelo sol em direcção ao paciente para ler a sua sorte, identificando ou irradiando o mal.

Depois do curandeiro descobrir o mal a pessoa, ele receita-o com remédios confeccionados por ele mesmo a base de ervas. Dessas ervas, algumas são aplicadas através de chás, xaropes com vinho branco ou aguardente, enxofre, fezes de cão ou gato, etc. Recomendam ainda banhos e defumadores de ervas. Podem dar também uma oração apropriada para lerem ou dizerem em casa.

Esses curandeiros efectuam todo esse trabalho sem receber nada ou somente uma quantia irrisória.

Passo a citar nome de alguns curandeiros que fizeram fama em Cabo Verde particularmente em Santo Antão e São Nicolau:

- Jukin Eskinha (Santo Antão)
- Felicióné (Santo Antão)
- Miguel Benedito (Santo Antão)
- Totone Menga Menga (São Nicolau)

No que diz respeito aos feiticeiros de efeitos maléficos – bruxos, também reconhecidos por feiticeiros da magia negra ou *kanjiristas*, são filhos de pais feiticeiros. Nascem por uma espécie de hereditariedade, portanto, sem vontade própria. Mesmo assim, a pessoa que é considerada feiticeira, vive quase que marginalizada pela sociedade. Têm habilidades para transformar-se em animais ou coisas com o objectivo de espantar pessoas, sobretudo de noite, causar o mal a outrem através de vários mecanismos levando por vezes a morte ou a perda de sentido. Têm a habilidade de “comer” uma criança ou uma pessoa qualquer e descobrir inimigos em dias apropriados. As pessoas que recorrem a esses feiticeiros para saber se alguém tem inveja delas ou causa-las mal, tentem apropriar de uma fotografia, uma peça de vestuário ou um objecto já usado entregando ao feiticeiro. Aí este vai trabalhar com objectos da vítima até conseguir os objectivos que é a destruição e a morte. Neste tipo de trabalho, os feiticeiros exploram muito os seus clientes, recebendo grandes quantias.

Normalmente este tipo de feiticeiro é também chamado de bruxos. E o nome generaliza-se mais para o feminino “feiticeiras” ou “bruxas”. Bruxas ou feiticeiras são também pessoas com poderes sobrenaturais como referimos anteriormente.

Enquanto que os demais seres medonhos que os santantonenses acreditam apareciam em noites de lua cheia, contemplando o belo luar, as “bruxas” preferiam as noites escuras das terças e sextas-feiras, onde os seus olhos brilhavam como lanternas na escuridão aterrorizante.

Contam alguns dos inquiridos que as bruxas antes de saírem das suas casas, cheiravam um liquido para ajudá-las a voar. Ao saírem da casa, o corpo ficava deitado na cama e o espírito sai transformando assim num animal qualquer à escolha da bruxa, lançando luzes de várias cores visíveis a qualquer distância. E ao regressar a casa se não encontrasse o corpo conforme o deixou, o espírito não conseguia entrar no corpo.

Tentando voltar ao normal dizia o seguinte: “konforme M’ txá korp, esim min N’ otxel” e a voz ia enfraquecendo até que a bruxa acabe por morrer.

“Uma senhora, na Ribeira da Torre – Santo Antão, contou-nos que uma bruxa, saiu nas suas diabruras e o seu marido deu conta que a mulher não estava deitada na cama, já desconfiados das suas artes, apanhou uma capa, uma espécie de pele que a bruxa retirava do seu corpo quando saía a noite e colocou malagueta e sal. Quando a bruxa voltou foi meter aquela capa no seu corpo, ficou a gritar desesperada e depois morreu”.

Geralmente, as bruxas casam-se com um homem “normal” ou também um bruxo casa-se com uma mulher “normal”. Ensinam-lhes os poderes do bruxedo ao seu cônjuge e este recusa a aprender, mas terá um grande sofrimento até alcançar a morte. As filhas das bruxas nascem logo com alguns poderes, um pouco fraco e por isso são denominadas de “falhadas”.

Mas os filhos não nascem com a arte de bruxaria, se quiserem podem vir a aprender.

As bruxas deitam “oiadas” (mau olhar) ou quebrantes às pessoas, principalmente as crianças. Se uma pessoa estiver com uma criança próximo de uma bruxa e fazer algum elogio como: é “bonita”, ou é “gordinha”, a mãe tem de dizer imediatamente a bruxa: “louvar a Deus”, para evitar que ela deita uma “oiada” a criança.

Há casos em que a bruxa consegue deitar “oiadas” as crianças e as mães conseguem saber logo que era obra das bruxas porque a criança transpira muito, sente febre, diarreia e outros sintomas estranhos. Para curar a criança o responsável dela dirige-se aflita a casa da suposta bruxa. E a bruxa usando os seus dotes curava a criança.

As bruxas podem ser “amarradas” quando vão a alguma casa e pedem água, o dono da casa ou outra pessoa coloca a caneca ou o copo emborcado; quando se volta para baixo uma vassoura no lugar onde estiver uma bruxa ou ainda se virar de pernas para o ar o banco em que a bruxa se sentou.

Em Chuva Braba, Mané Quim em analepse: *“Ele era ainda menino de dez anos. Uma manhã brincava no terreiro da casa (...) quando apareceu uma mulherzinha magra e lambuda, com um dente muito grande saindo da boca, o nariz arrebitado mostrando dois buracos fundos, a gritar com uma voz fanhosa que meteu medo a todos: “eh, mocinho! eh mocinho! Estou a morrer de sede. Dá-me uma caneca d’água, mocinho da minh’alma”.* (...) Ela bebeu todo o litro d’água sem tomar fôlego, devolveu

a caneca ao menino e caminhou. Mané Quim correu para dentro e foi colocar a caneca como a encontrara, de boca para baixo, sobre a tampa do pote. (...) olhou e viu a velha entrando de novo para o terreiro e espiando para um lado e para o outro, com que à procura de qualquer objecto perdido. (...) A velha passeou para cá e para lá, foi até a cancela, olhou para o caminho e disse: “*Ó Deus, deixa-me ir embora*”. O sol já estava a pino quando chegou a mãe-Joja:

- “Eh Joana Tuda, ocê quer alguma coisa?” – perguntou a mãe – Joja. “*Estou, aqui dias-há é quero agora ir para Ribeira da Cruz que já está tarde*”. – Então ocê vá” (...)

Continuou por algum tempo naquela dança. Quando não pode mais, aproximou-se de Mane-Quim (...) e disse em segredo: “*Ó mocinho! De esmola, mocinho da minh'alma. Olha, vai virar a caneca de boca pra riba pra eu poder ir*”²⁵.

Mas quem “amarra” uma bruxa, tem de saber “*desmarrá-la*” outra vez senão até poderá morrer.

Em Chiquinho, de Baltazar Lopes, Toi Mulato conta a respeito de Totone Menga-Menga.

- (...) Totone disse:

- Por favor você espia se aquela galinha tem ovo ... A mulher foi espiar e Totone depressa voltou para dentro e num dizendo-fazendo virou de pernas para o ar o banco, em que a bruxa tinha sentada. Quando Totone voltou para o quintal disse-lhe: vamos para dentro ... “*Ela bem queria ir, mas não conseguia passar a soleira da porta porque, já se vê, tinha sido amarrada. (...) Ela dançou, cantou, fez o diabo – a quatro. Depois virou burro, mula, porco, cabra. Por fim, Totone condoído rezou umas orações e “desamarrou-a”. Ela virou figura de gente. Totone disse-lhe:*

- *Para você nunca mais se meter na minha vida*”²⁶

Segundo os entrevistados para afastar as bruxas fazem-se, figa canhota (faz-se entrando o polegar entre o indicador e o dedo maior da mão esquerda) esconjurando da seguinte forma:

“Figa canhota,
Bordolega mar de Espanha,
Bê rodiá lá pe mar vermei,
Mim bô n’de podê ke mi,
Nem hoje, nem m’nhá,

²⁵ LOPES, Manuel, *Chuva Braba*, Lisboa, Ed. 70, p. 76

²⁶ LOPES, Baltazar – *Chiquinho*, ed. África 1984, pgs. 74,75

Nem nunca”

Há mais formas de afastar as bruxas, que explicaremos no capítulo que se segue.

3.2. ENCANTADAS

São assim chamadas as lindas moças de cabelos muito lisos e compridos, com uma parte superior do seu corpo de forma humana e a inferior em forma de peixe. Aparecem com frequência no mar ou nas Ribeiras, conforme o imaginário dos que vivem próximo desses sítios.

Costumam aparecer de madrugada ou nas horas minguas (é o espaço de tempo entre às 12h às 14h), vestidas de branco ou nuas mas ninguém consegue aproximar-se delas, pois logo que um vulto humano surgisse lá em cima, nos rochedos, metiam-se debaixo da água e iam parar a outro mundo.

Mas, houve quem fosse muito ousado, pescando uma dessas moças. Segundo um senhor entrevistado na zona do Coculí, até a Maria Branca, uma beleza de mulher que mora ao lado é da raça das encantadas. É branca, tem cabelos muito lisos e compridos chegando-lhe às costas.

É de comparar estas encantadas outras histórias contadas em alguns países. Fala-se de sereias, como a Iemanjá, dona Janaína, princesa de Aiocá ou ainda dona Maria no Mar Morto de Jorge Amado, na zona centro-sul de Angola a “epólua”, ser aquático, misto de animal e ser humano, costuma oferecer rica fortuna, em troca de um objecto do seu uso pessoal deixado em fuga quem a surpreender durante o banho no rio.

Muitos destes dados, aparecem também reflectidos nos romances cabo-verdianos.

Na obra Chiquinho de Baltazar Lopes, pag.291 Nhô João conta-nos o que tinha acontecido com ele, certo dia, quando ainda era marinheiro:

“Naquela noite eu estava de leme, Chiquinho, fazia um luar tão claro que parecia que a lua estava dando uma serenata a nossa senhora. De repente, ouvi uma cantiga.

Era Sirena. A moça do mar tinha meio corpo acima da água”²⁷. Sirena, seria, moça-do-mar, poderíamos também dizer moça-de-água, é a nossa “encantada”, no sentido de quem provoca encantamento ou causa maravilha pela beleza que possui. Ainda em Chiquinho encontramos um trecho um pouco discordante quanto à conotação do nome “encantado”. Conta-nos mamãe velha:

- “No tempo do Dr. Júlio apareceram “pacteados” na terra. Eram encantados que tinham pacto com aquele – homem. Em noites de luar desembarcavam na Prainha de galeras que ninguém podia ver, vindos de ilhas que ficam muito longe, no meio do mar. Passavam pela vila em cavalgadas ruidosas, com grande cantarola, mas nenhum filho-de-parida tinha ânimo de abrir a porta para espiar. Subiam a ladeira de cachão e dirigiam-se à Sentina.

Referia o povo que chegavam à rocha e diziam:

- Sésamo, abre-te!

Abria-se a rocha e lá dentro era uma boniteza de endoidecer, um grande palácio, armado de ricas mobílias. Mesas cobertas de toalhas mais finas. Comidas da melhor qualidade. (...)”²⁸

Segundo contam, em Santo Antônio, há também uma denominação de “Menino encantado”. Menino esse que nasce envolvido numa “tiagem”. Logo após o seu nascimento a mãe ou a parteira tem de retirá-lo da “tiagem”, rodando-o três vezes e de seguida é-lhe dado uma chávena de chá. Caso não cumprissem o ritual no sétimo dia do seu nascimento, ele deverá ser baptizado. Caso contrário ele poderá desaparecer de casa sem deixar rastros.

No momento da fuga, se a mãe presenciasse, ela não impediria a criança nem a assustaria. Limitava a ficar quieta e não pronunciar a cena a ninguém.

Caso a mãe entrasse em pânico gritando ou pedindo ajuda, o bebé cairia no chão espantado e logo ficava maluco, “jôte” ou “esperposente”.

Se a mãe deixasse a criança fugir sem pronunciar nada, o filho voltaria sempre para amamentar, caso a mãe estivesse sozinha em casa. Se a mãe estiver acompanhada, não seria possível ver a chegada do filho, mas sim, só sentiria o seu peito a ser sugado e ela guardava segredo, porque se dizer algo ao filho nunca mais viria ao seu encontro.

Ainda contam que, se uma mulher com um filho encantado não o espantasse no momento da fuga, após 7 anos da sua nascença regressaria e viveria uma vida “normal”.

²⁷ LOPES, Baltazar – Ob. Cit. P. 291

²⁸ LOPES, Baltazar – ob. cit. p. 38

3.3. ESPÍRITOS

Espírito – *alma, fantasma, visagem, assombração. Espírito encostado: alma de um morto que se alia com a alma dum vivo, encostando-se, para desempenhar, junto a esta, poderio ordinariamente maléfico. O espírito encostado constitui assunto interessante na esfera do baixo espiritismo e se relaciona com a psiquiatria e a neurologia (...)*²⁹

Segundo o imaginário do povo, o espírito poderá manifestar-se ou não após a morte do corpo. E caso tenha alguma coisa a dizer, servir-se-á do corpo de um vivente para se expressar. Diz-se ainda que os espíritos aparecem a certos indivíduos fracos e crentes. Não aparecem aos incrédulos porque deles nada aproveitam, pelo contrário, recebem pragas. Quer isso dizer que a pessoa perseguida pelos espíritos é boa. Deve também orar por aquele ou aqueles que a perseguem pois, é digna de ser ouvida pelo senhor criador do universo.

Na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes, deparamos com a viúva Joja em monólogo com o seu morto: “*Ocê vê Jaime? Destino deles é andar. Vão um a um. Agora é Quim.*

Cada qual no seu lado e na sua hora. Qualquer dia é Jack. Fico só com ocê depois. Fico mais perto dos meus mortos que dos meus vivos”³⁰

Neste caso percebemos que numa situação de desespero a viúva desabafa com a alma do defunto.

Para a nossa gente bastante ligada ao fenómeno de espiritualismo ou o chamado desdobramento, dizem que por vezes os espíritos dos vivos saem e deambulam por ocasião da morte.

Em *Chiquinho*, de Baltazar Lopes, encontramos as personagens movimentando-se e opinando sobre espírito retornado do lugar a ele destinado:

²⁹ Dicionário do Folclore Brasileiro de Luís da Câmara Cascudo, quarta edição, Revista e aumentada, p. 312

³⁰ LOPES, Manuel, ob cit. pgs. 31-32

“Nhô Chic’Ana garantiu. Tinha visto a alma. Era uma figura alta, embrulhada num grande lençol branco. Na cabeça traziam um grande chapéu de obas largas que não deixava ver bem a cara. Só se enxergava a ponta do nariz, meio comida, e os dentes descascados num sorriso de meter medo. Foi de uma vez que tendo de vir do Juncalinho para Morro Braz, Nhô Chic’Ana se enganou com o pôr do sol. Lá para aqueles desertos, sol no mar, noite na terra, a escuridão apanhou-o pelo caminho. Quando passou ao pé da casa assombrada ouviu gemidos que partiam a alma da gente. De dentro das paredes saiu a figura do capitão Zeferino. Vinha muito curvado, como se arrastasse um grande peso. Nhô Chic’Ana ficou crã, sem poder dar um passo. A alma passou mesmo junto dele. Quando deu acordo de si, Nhô Chic’Ana desabalou na carreira como cavalo de olho furado”³¹

Em Santo Antão, os que crêem em espírito, denominam-nos de “almas penadas” “katxorronas”, “pesadelo”, “minguarda”, etc.

As *almas penadas* são almas de pessoas que não tiveram boa conduta na vida terrena. Que foram obrigadas a abortar e a praticar outros crimes. Aparecem frequentemente de dia, sob a forma de vento, arrastando tudo o que se encontrava no chão formando redemoinho poeirento e muito violento. Quem presenciasse a ventania fazia logo o sinal da cruz, esconjurando:

- Bordolega, mar de Espanha, bé lá pê espose superior.

Quando aparecem a noite, é sob a forma de um fantasma, pedindo ajuda humana. Há outras almas que não adaptam o sistema de aparecer em forma de fantasma mas, que se revelam nas casas dos seus parentes fazendo barulho de noite, arrastando cadeiras, mesas, atirando pedras, etc.

Katxorronas

Ao contrário das almas penadas, as katxorronas são as almas das mulheres que na vida fizeram aborto por livre e espontânea vontade. As suas almas aparecem sob a forma de seres humanos, tristes constantemente com lágrimas nos olhos, vestidas de noiva a beira das estradas ou nos quintais.

As vezes as katchorronas aparecem sob a forma de uma cadela a partir da meia-noite.

³¹ LOPES, Baltazar, ob. cit, pgs 84-85.

Voltaram à terra a fim de pagar penitência por causa dos filhos abortados, por isso, vêm criar os filhos até atingirem os dezoito anos, percorrendo todos os passos de uma mãe real. Procuram as casas onde possam encontrar água, tina, “surradera” para lavarem as roupas do filho.

As pessoas, ao perceberem que são as katxorronas que estão preambulando devem fazer de conta que não estão sentindo nada e não se devem aproximar-se delas porque poderão anular as suas penitências e recomeçar todo o trabalho.

Quando aparecem sob a forma de uma cadela a partir da meia-noite devem tratá-las como se fossem da vizinhança, chamando-lhes um nome e aí acompanhavam a pessoa até a porta da sua casa. Quando chegar, a pessoa entra de costas para dentro, caso contrário, a cadela começa a crescer tornando-se enorme e poderá matar a pessoa.

Kenilinha

Associada às almas, aparece uma outra figura – a Kenilinha é de forma de gente, muito alta e com uma única perna. Ela anda sempre na linha recta a partir da meia-noite. Como não consegue fazer curvas, a pessoa que deparar com ela deverá andar em ziguezague. Isso porque a Kenilinha segue todos os passos das pessoas que andam nessas horas da noite. Se a Kenilinha fizer uma curva, ela cai e a perna parte, a pessoa perseguida procura encontrar uma casa mais próxima para abrigar enquanto que a kenilinha tenta recuperar a sua perna. Caso a Kenilinha alcançar a pessoa, ela é abafada” e quando assim acontece, fica maluca.

Pesadelo

Segundo opinião das pessoas antigas, pesadelo são espíritos de pessoas que morrem antes de serem baptizadas. Logo no princípio do mundo foram pedir autorização a Deus para que fiquem matando as pessoas durante o sono, mas Deus não aceitou a proposta, então furou-lhes as mãos para que as pessoas pudessem respirar quando fossem sufocados pelo pesadelo evitando-os da morte.

Durante o sono as pessoas ficam agitadas, e com a sensação de estarem acompanhadas da figura de uma pessoa aterrorizante. Essa figura é o pesadelo que pega as pessoas a dormir não conseguindo mexer-se, falar, gritar e nem fazer nada. Por isso, sentem um peso sufocante mais precisamente na garganta, acompanhado de sonhos ruins.

Quando conseguirem livrar-se desta sensação, assim as pessoas acordam muito assustadas atrapalhadas e com muito medo.

Para evitar o pesadelo as pessoas colocam debaixo do travesseiro os seguintes objectos e alimentos:

- Tesouras abertas em forma de cruz;
- Pedaco de aço;
- Bolacha;
- Pão.

Além destes, as pessoas evitam deitar-se muito cedo e logo após as refeições e também costumam fazer rezas antes de irem para cama para afugentá-lo:

“pesédel de mon fród,
kond bô kizer bem pé min,
primer bô té bé kontá,
Sém onda de mar e sém gron d’ereia,
ne funde d’mar vermei”

Quer isso dizer, que até quando contar as cem ondas do mar e os cem grãos de areia já terá amanhecido e as pessoas acordadas

Minguarda

É assim chamada o espaço de tempo que vai das 12 às 14 horas. Hora ruim que ninguém pode fazer certos trabalhos como dar de comer aos animais, deitar lixo etc. Segundo Lopes Filho, esta invenção vem desde os primórdios da colonização das ilhas em que os donatários traziam os escravos para lhes ajudar nos trabalhos da lavoura.

Esses escravos trabalhavam arduamente e com um pequeno intervalo entre as 12 às 14 horas, para descanso. Durante esse intervalo, apareciam os escravos fujões que iam disfarçadamente furtar as propriedades e por vezes fazendo distúrbios e assaltos a quem encontrassem. Entretanto, aqueles escravos que repousavam, ao verem os fujões nas propriedades entravam em pânico, pensando ser seres misteriosos, almas do outro mundo que poderiam atacá-los e até matá-los.

Até mesmo os senhores, colocavam espantalhos nas propriedades como forma de meter medo aos escravos que lá iam furtar.

Deste modo, cremos ser a forma encontrada para neste período acima mencionado, retirar as pessoas debaixo das árvores, para não fazerem barulho quando

estivessem a descansar o almoço e por isso nessa hora é costume as pessoas permanecerem dentro de casa.

3.4. MOSONG

“A maçonaria é talvez um dos maiores alvos da curiosidade de várias pessoas há tempos. Sendo uma sociedade fechada, ela se auto define como segmento filantrópico, filosófico, educativo progressista. O interesse pelo qual está oculto tem atraído muito a ela.

Esta sedução não se limita apenas a homens não evangélicos, mas infelizmente é algo que está alastrando a anos em alguns segmentos da igreja. Tamanha é a inocência de alguns líderes, que muitos não somente fecham os olhos para a coisa, como também participam como bons maçons.

Pouco se sabe a respeito da origem e fundadores da maçonaria. Porem, o que não falta são “contos de fadas” acerca desse assunto. São personagens da antiguidade que são destacados como verdadeiros heróis neste meio.

Tubalcaim é citado como o primeiro maçom. Descendente de Caim, filho de Lamec com Seba, este homem que é dito pai dos que trabalham com cobre e ferro, viu em seu pai o exemplo de um homem homicida e polígamo (Gn.4:22-24).

A lista segue figura com Ninrade, grande caçador diante do senhor, esta figura é considerada fundador da Babilônia e arquitecto da Torre de Babel (Gn.10:8,9, 11:1 - 9). Isso com certeza aproxima-se os ideais da torre de Babel a Maçonaria.

Entretanto, o mais reverenciado de todos os “patriarcas” é Hiram Abif. Conta a Maçonaria que durante a construção do templo, Salomão contava com a ajuda do rei de tiro Hiram, e contratou o filho de uma viúva chamado Hiram.

Diga-se de passagem que este aparece nos relatos bíblicos apenas como bronzeonista, mas aos olhos da Maçonaria, é visto como o arquitecto. É acrescentado a historia o relato de sua morte. Hiram é tido como mestre (3º grau maçom), e seus três ajudantes como companheiros (2º grau), os quais o assassinaram em busca do segredo da palavra. Os dois reis são informados da morte, e que o corpo fora enterrado. Após uma conturbada estória de ressurreição, entende-se que os segredos do mestre são guardados até ao seu descobrimento na Idade Media.

Os Maçons (pedreiro em francês) são quase que um sindicato em seus primórdios. Chamada Maçonaria Operativa nesta época desenvolveu-se com o passar dos séculos, não se restringindo mais apenas a artesãos, mas tornando-se abertos a outros grupos da sociedade. Nasce assim a Maçonaria especulativa.

Ao passar de operativa para especulativa, a Maçonaria não mais se restringiu a artesãos, mas dispõe a estar aberta a outros membros (clérigos, políticos, cientistas, etc.). Todos estes tiveram papel importante na formação de doutrinas, rituais e graus de progressão. O que mais isenta o facto de que muito do que há na Maçonaria foi herdado do paganismo antigo e religiões ocultistas medievais.

Logo a Maçonaria moderna é fruto dessas infusões ocultistas. Não anulando também os aspectos próprios de sindicatos que ressaltam através de símbolos fustões morais (agora revestidos de aspectos espirituais)". (<http://www.cacp.org.br/maçonaria.htm>).

De acordo com Mário Matos, na sua obra contos e fadas, pelo menos em Santo Antão, S. Vicente, São Nicolau, Santiago e Fogo, havia associações consideradas secretas e que funcionavam activamente.

Segundo as pessoas mais velhas, os maçons cabo-verdianos, vestem de branco da cabeça aos pés, durante a noite entre às 23 e 3 horas da madrugada, principalmente nas noites de lua cheia. Aproveitam as noites de terças e sextas-feiras, para subirem nos seus cavalos ou em carros de muito esplendor arrastando correntes de ferro pelas suas ribeiras das suas localidades de residência produzindo um grande barulho metendo medo as pessoas. Assim sendo, a partir das 22 horas ninguém atrevia em sair a rua.

Nos dias em que os maçons estivessem a desfilar levavam a frente os chamados “varredores”. Estes eram considerados menos perigosos que os maçons e ao aproximarem duma criatura na rua falavam com ela, perguntando se os tinha reconhecido e logo de seguida mandavam-na esconder do lado oposto ao vento para que não fosse apanhada pelos que estivessem a trás sob pena de serem apanhados e por vezes mortos.

Os mosong ao aproximarem-se de alguém, dizem:

“Já cheirou-me sangue real”.

Como os varredores eram bons, tentavam persuadi-los e desviando-os a sua atenção e assim a pessoa ficava salva passando de fininho.

Mas, se por algum azar, a pessoa que fosse apanhada por um mosong era chicoteada e depois abandonada em lugares isolados e sem gente.

Era costume, entre os mosong escreverem cartas, aproveitando determinadas pessoas de quem não simpatizam, como portadoras para que depois sofressem revezes e alterações psíquicas, que podiam levá-las ao desespero e por conseguinte a morte. Essa carta era uma espécie de contrato entre os maçons. Nesse contrato comprometia-se a entregar uma “cabeça” por ano e por isso, essas cartas serviam para entregar essa cabeça, neste caso o portador, não conseguindo a cabeça do portador odiado, enviavam um familiar e não conseguindo este, seria a sua própria cabeça entregue.

Assim, as pessoas, amedrontadas não saíam a noite no horário referido anteriormente sob pena de serem atacadas, os mosong aproveitavam a ocasião de contrabandear o seu aguardente que na época era proibida o seu comércio.

CAPÍTULO IV

4 - SUPERSTIÇÕES RELACIONADAS COM MOMENTOS IMPORTANTES DA VIDA E CERTOS EVENTOS CULTURAIS DA ILHA

Os momentos importantes da vida do indivíduo são geralmente marcados por rituais religiosos. É assim que o Nascimento, o Baptismo, o Casamento e a Morte são acontecimentos a volta dos quais podemos reparar elementos de índole supersticioso que passamos a falar.

4.1– NASCIMENTO

Nascimento, é um acto que marca o início da vida de um indivíduo.

Na sexta noite, após o nascimento duma criança é habito os familiares e amigos reunirem-se em casa dos pais do recém-nascido a fim de comemorar o seu nascimento, mas com a maior preocupação de protegê-lo das bruxas (guarda-cabeça).

A cerimónia de guarda-cabeça, surgiu desde os primórdios do povoamento da ilha de Santo Antão, na sequência da morte de um elevado número de crianças na primeira semana depois do seu nascimento. Tudo isso, levou a criar na mente das pessoas a crença de que havia algo de misterioso relacionado com essas mortes.

Mas na realidade, a morte das crianças era devido sobretudo ao tétano provocado, por vezes, pelo pó de terra que as parteiras utilizavam na cura do umbigo dos bebés.

Mas as pessoas não conseguiam explicar essa hipótese e atribuíam a responsabilidade dessas mortes às bruxas.

Segundo João Lopes Filho, “a cerimónia de guarda-cabeça marca o fim do isolamento da mãe (fase de cuidados e apreensões) da criança e com os parentes, vizinhos, bem como o regresso da mãe às actividades e a sua reintegração no grupo social mais vasto”³².

Assim sendo, é comum nesta noite lavarem o bebé e vestirem-no uma “saia de baixo” de cor preta já usada pela mãe e depois deitam-no na cama. Colocam debaixo do travesseiro uma tesoura que foi utilizada no corte do cordão umbilical sob forma de uma cruz, do mesmo modo colocavam um terço e a volta colocam ramos de “mote de chá” como alecrim e arruda.

Esta actividade supersticiosa cremos ser de origem Portuguesa, tendo em conta o que diz Teófilo Braga “o cheiro de alecrim (...) em ramos tem poder contra os feitiços”³³.

Também para reforçar a protecção do recém-nascido, defumam a casa com grãos de café e ervas aromáticas como alecrim, alfazema, arruda e losna.

Esta prática supersticiosa, pensamos ser também de origem europeia e remonta o séc. XVI. Segundo Teófilo Braga “a cada passo se depara com esta persistência tenacíssima dos costumes; ainda hoje o povo de Lisboa defuma as casas com alfazema, como na primeira metade do séc. XVI notava António Prestes, com eficaz contra os espíritos:

Vós defumais
Esta casa com alfazema.
(Autos, p. 398).

As plantas aromáticas, como arruda, o mentrasto, o orgevão (verbena) e outras muitas são os específicos peculiares na medicina mágica popular, em que o histerismo e o estado febril são ar-mau ou bruxedo”³⁴.

Para impedir que a bruxa ultrapassa o limiar da casa, é costume pôr sal, enxofre e semente de mostarda, cuja mistura se faz uma cruz no batente da porta enquanto se vai pronunciando o nome da bruxa. Tudo isso é para afastar a “fetesera de rob ezed”,

³² LOPOES FILHO, João – *Retalhos do Quotidiano*, Editorial caminhos, Lisboa, 1995, p. 35.

³³ BRAGA, Teófilo, ob cit , p. 57.

³⁴ BRAGA, Teófilo, ob.cit. p.59

principalmente “fetesera de rebera de janela, ke te kmê na got, te kmê na katxor...” como canta Cesária Évora, a Diva dos pés descalços.

Ainda, é nesta noite cantada uma música pela mãe:

“kem kré kria se m’nime gordin
del robe de legartija, del gril, del kevonhote
detel ne paia de kana, kobril ke
pega-saia mod bruxa n’ be kmel
kem tem se oi txô d’aga
bé kel lá pa mar vermei”.

Antes da meia-noite, ninguém na cerimónia pode dormir, porque a atenção de todos é necessária para evitar a entrada da bruxa.

Para além das práticas supersticiosas: a volta da guarda-cabeça, há outras também dignas de destaque:

- A primeira água com que se lava um recém-nascido de sexo feminino é lançada dentro de casa porque a fortuna da mulher está dentro de casa, se for de sexo masculino a água será lançada fora da casa uma vez que o homem terá de buscar a vida fora de casa;
- Deve-se guardar muito bem o umbigo do recém-nascido porque se for agarrado pelos ratos, quando ele cresce ficará ladrão;
- É mau agoiro colocar um recém-nascido a frente de um espelho porque diabo poderá carregá-lo;
- O bebé fica manso se é dado para beber a água de que foi lavado.

Em Santo Antão, para precaverem os recém-nascidos das “oiadas” das bruxas, costumam as mães dependurar-lhes, ao pescoço ou esconder-lhe na região abdominal, um “esguarde”, uma espécie de pará-raios neutralizador das nefastas acções da oiada. Além dos *esguardes* para afugentar as bruxas, os filhos de Santo Antão utilizam outros tipos de esconjuros:

- a)
Figa konhota, bordolega, merda de gote
Temporal de senhor Son Jon

Se bô é fetecera, bón de keme-m
Se bô é bruxa, bo n' de bruxe-m.

b)

Leva o que trouxeste
Deus me benza com a sua Santíssima Cruz
Tu és o ferro, eu sou o aço
Tu és o Demónio, eu sou o embaraço
Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo.

4.2. BAPTISMO

O Baptismo como sendo o primeiro sacramento das leis da Igreja, transforma uma criatura num cristão, surgiu no contexto social como uma das manifestações religiosas.

É um sacramento de grande importância no seio da população católica, assim é preocupação da família baptizar a criança principalmente quando adoce.

Segundo João Lopes Filho *“as funções católico-tradicionais do baptismo incluem curas de doenças físicas nos primeiros meses de vida, além de livrar o pagão de cair no limbo, lugar indefinido, semi-escuro, privado da visão de Deus para sempre. Criança que morre sem ser baptizada é pagã, a sua alma fica sem descanso e vai para o limbo, mas se é baptizada é um “anjinho” e vai para o céu”*³⁵.

Por este motivo, os pais (casados na igreja) baptizam os seus filhos, alguns dias ou meses após o seu nascimento. Os pais que vivem em regime de união de facto ou casados apenas no civil, baptizam o filho depois de terem frequentado a catequese que começa a partir dos seis anos, pois, segundo a lei da Igreja Católica, os pais que vivem nessa situação não estão em condições de ajudar os filhos a viver o baptismo.

Mas, no caso de doença grave numa criança na situação atrás mencionada ela será baptizada imediatamente. E se o padre estiver ausente da ilha ou da localidade será baptizada por qualquer pessoa que é baptizada, de preferência crente da Igreja católica.

³⁵ LOPES FILHO, João, ob. cit. p. 35

Esta prática não é chamada de baptismo mas sim denominada de “fazer cristão), que é feita do seguinte modo: derramam-se água sobre a cabeça da criança invocando o nome da mesma acrescentando: “eu te baptizo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Caso a criança não morra o acto será concluído, pelo sacerdote no futuro.

Mas para realizar o acto do Baptismo é necessário testemunhas que são os padrinhos. Os padrinhos são escolhidos pelos pais da criança levando em consideração as leis da igreja: ser católico praticante, ser crismado, ter idade igual ou superior aos dezoito anos, responsável e capaz de assumir o papel dos pais na ausência.

Se as pessoas escolhidas possuírem esses requisitos a igreja orienta em curso de preparação para o Baptismo através duma pessoa entendida na matéria a fim de manterem uma relação sólida com o afilhado.

Terminando o curso, é marcado a data do baptismo e começa-se a preparar a festa.

No acto do Baptismo, se a criança não chorar é porque não chegará aos dez anos de idade. É muito bom levar a criança que vai baptizar vestida de anjo porque livra-as de perigos e dá-lhes felicidade.

Segundo a igreja católica para ser cristão e obter a salvação é necessário o Baptismo.

4.3. CASAMENTO

O casamento é um acto de grande importância na cultura do santantonense, não só por ser um sacramento da santa Igreja mas também por trazer em si manifestações e rituais que marcam profundamente a vida de cada indivíduo.

No casamento tradicional, já em decadência, apesar das transformações sistemáticas nas sociedades, ainda se cultiva alguns aspectos tradicionais e supersticiosos.

O processo do casamento inicia-se com a aceitação do namoro. Quando os pais se encarregarem de escolher o namorado ou a namorada, aos seus filhos, os primeiros contactos eram oferecer flores de alecrim, cravo ou grama, para demonstrar o amor que sentiam.

Quando a menina ia lavar na ribeira, de véspera mandava uma folha de ervilha ao namorado, se ia passar todo o dia, e, se ia demorar só meio-dia, chegava as mãos do rapaz apenas meia flor. Da mesma forma, quando o namorado chegava do campo ou de outro paragem, mandava a moça uma flor “*losna*” que significava que teve um dia amargo e que estava cansado.

Havia também formas de terminar o namoro simbolizado por uma triste flor de “*tribinha*”³⁶.

A conquista e a fase do namoro decorriam nos lugares mais afastados da casa: na ribeira como havíamos mencionado ou lugares próximos das encostas e era só do conhecimento dos dois jovens e, por vezes, dos amigos íntimos.

Depois do namoro estar firme entre os dois, a rapariga entregava um sinal ao rapaz que podia ser uma pedrinha, uma ataca de cabelo ou outro objecto pessoal, mediante este sinal o rapaz podia fazer o pedido de casamento ao pai da moça que consistia em entregar uma folha de papel selado. Quem entregava o pedido era pessoa de muita confiança do rapaz, normalmente o pai, o padrinho, um amigo íntimo ou também, por uma pessoa que tinha um certo prestígio social.

Os dias da semana mais adequados para fazer o pedido de casamento são Sábado ou Domingo.

No oitavo dia, após a entrega da carta, o pai da noiva, enviava uma carta ao rapaz caso não houvesse nenhum desacordo, aceitava-o como futuro genro. O rapaz é chamado para a casa da moça a fim de acertar a data do casamento e para os arranjos que começavam a ser comemorados com um bom grogue.

Aproximando-se o dia do casamento, fazia-se o “baile de lenha de boda” em que os convidados iam procurar lenha para a festa e no regresso eram recebidos pelas *roncadeiras* e tocadores.

Os noivos não se podiam avistar pelo menos três dias antes do casamento, porque, conforme a tradição, isso traria algum azar para os mesmos.

Colocam uma bandeira nas casas dos noivos e convidados o que simboliza solidariedade e alegria. Por conseguinte é uma das tradições que ainda hoje é preservada. Os convidados e vizinhos chegam a casa dos noivos, com balaio de comida que são recebidos com o “*p’tá saúde*” em que um grupo de senhoras entoia canções sentimentais como:

³⁶ flor de planta vulgar e amarga

“ Nhô Miguel Pelnór bé pe Merca
o lé lé, lé lé
pel bé beska kama de Merca
o lé lé, lé lé
p’el bem kasá ma menininha nova
o lé lé, lé lé
kel m’nina branka de kebel kuskuz
o lé lé, lé lé
k’ond pensá k’ê kama de Merca
o lé lé, lé lé
era ormoson de pó de pulgeira
o lé lé, lé lé
o o roncadêra ronká bexim
o lé lé, lé lé
tu dê pe konta de Sra. Noiva
o lé lé, lé lé
kel ê reinha ne sê polose
o lé lé, lé lé
Senhor rei mende-m ben ei n’oce parta
o lé lé, lé lé
ke N’tem fome ne nhê berriga
o lé lé, lé lé
i N ten sede ne nhê garganta
o lé lé, lé lé
vida e saúde pe Senhora noiva
o lé lé, lé lé
k’el ê rainha ne sê polóce
o lé lé, lé lé
oje ê min m’nha ê bô

Nesses dias que antecedem o casamento, os noivos vestem-se de branco e a noiva a partir daí, passava a usar um rosário branco ao pescoço, e uma fita branca nos cabelos. Deixava de sair a noite para que não fosse apanhada por um “gongon”.

O casamento era marcado para os meses de Abril, Maio e Junho para que os noivos pudessem ir trabalhar nas “águas”, e porque as pessoas idosas acreditam que o mês de Agosto traria desgosto e os outros meses subsequentes eram desaconselháveis, devido a escassez dos mantimentos armazenados.

Na véspera do casamento em que os preparativos eram redobrados para que a comida e a bebida fossem suficientes e as pessoas fossem bem recebidas, os cuidados também com a noiva eram redobrados, para evitar a sua aproximação do noivo uma vez que podia trazer azar e também conservar a noiva pura.

Nesse dia, a noiva veste-se de verde, como símbolo que representa a esperança de alcançar o sacramento de matrimónio e permanece no quarto para pensar na sua vida, nas suas responsabilidades futuras.

Ao longo da noite chegara a madrinha de casamento com as suas “companhas”. Ao aproximar-se da casa da noiva mandava atirar um foguete que era respondido imediatamente, e logo saía um grupo de “roncadeiras” e tocadores para recebê-la. A partir daí, a madrinha tomava conta da noiva até a consumação do casamento.

Ao chegar a madrugada do dia do casamento, a madrinha começa a preparar a noiva para a cerimónia, começando com o banho da purificação. Depois do banho penteava e vestia a noiva de branco como sinal de pureza, combinado com um véu branco, que cobria-lhe totalmente a face e finalmente colocava-a numa cadeira no meio da sala devidamente ornamentada com lençóis ou colchas onde a noiva permanecia até o momento da partida para a igreja. O noivo também em sua casa o seu padrinho seguia o mesmo ritual.

Chegando a hora da partida, vinham as *roncadeiras* com o “*ptá saúde*” a noiva chorava como nunca tinha feito, pois, se não chorasse ali, não precisaria nem fazê-lo no dia da morte do marido.

O noivo chegava em casa da noiva, para tomá-la, evitando ficar num plano superior a casa, o que segundo a crença popular, poderia provocar infelicidade. E os padrinhos de baptismo da noiva vinham abençoá-los. Mas se um dos dois fosse viúvos ou os dois, chamavam uma pessoa ou duas de sua confiança e reconhecida por sua conduta para abençoar os noivos antes da partida.

Os noivos ajoelhados numa esteira pediam aos pais remissão pelas faltas que acaso tivessem cometido até irem formar o seu lar, o que João Lopes Filho designa de “*perdão*”³⁷.

Na altura da partida para a igreja devia ter-se em consideração o comportamento pré-nupcial do noivo, pois, acredita-se que se uma rapariga “amigada” com o noivo visse a noiva durante o trajecto, ela morreria. Para evitar estes contratempos, a partida fazia-se muito cedo.

Ao entrarem na igreja, se chover é sinal de que os noivos hão-de serem felizes e bem sucedidos na vida.

A cerimónia do casamento ocorria, tradicionalmente, na igreja católica depois de uma missa que era celebrada com a presença dos noivos. Sem que os dois precisassem de uma outra cerimónia civil, e conservando a noiva, o véu, que era levantado pela madrinha, logo depois de concluída a cerimonia e já declarados marido e mulher.

No altar da igreja, se a vela mais pequena estiver do lado da noiva é sinal que ela morrerá primeiro, se estiver do lado do noivo é ele quem morrerá.

Depois da cerimónia religiosa “*os noivos partiam para a sua própria casa onde os sogros em conjunto preparam o fogo, arranjando pedras e colocando no meio um pouco de cinza trazida das respectivas casas*”³⁸

Quando o cortejo chegava a porta principal da casa dos noivos, uma pessoa da família exortava a noiva ao cumprimento dos seus deveres de esposa.

Depois dos conselhos, esta entrava em casa mas o noivo fingia que ia entrar, voltava as costas, andando uns metros e fazia isso três vezes seguidos, para depois entrar em casa e juntar à mulher.

A mulher era dada a responsabilidade de cuidar da casa, do marido, posteriormente dos filhos, não pedir satisfações ao marido sobre as suas saídas. O seu lugar era em casa significando os gestos do homem, que o seu lugar é na rua e como tal pode entrar ou sair a seu bel-prazer.

Durante a festa, o esposo devia estar sempre atento, porque os amigos fariam de tudo para lhe roubar a mulher e escondê-la, obrigando-o a procurá-la. Se não conseguisse encontrá-la, seria obrigado juntamente com a madrinha a recuperá-la mediante o pagamento de uma quantia. Caso o esposo encontrasse a mulher escondida, os outros é que pagariam a quantia.

³⁷ LOPES FILHO, João – *Estória, Estória* – Ulmeiro, Lisboa 1978, p. 95

³⁸ Idem, idem.

Como ponto mais alto de um casamento, a noite de núpcias, era um assunto de domínio público, onde a virgindade da noiva era uma questão de honra, e não um assunto íntimo do casal, porque a comunidade inteira tinha o direito de saber se a rapariga casou virgem ou não.

A madrinha, arranjava o quarto, preparava a mulher para receber o seu marido no que deveria ser o seu primeiro encontro íntimo - sexual.

A cama era preparada com um lençol branco que dependendo da “*seriedade*” da noiva deveria ser manchado pelo sangue da virgindade.

Ao marido cabia a obrigação de desflorar a mulher na primeira noite, por ser um acto, uma espécie de serviço obrigatório exigido pelas famílias, pela comunidade, que aflitas esperavam, pelo resultado.

Ao cumprir a tarefa, visse que a mulher era virgem, levantava-se com uma espingarda, disparava três tiros anunciando com isso que a noiva tinha os “*três-vinténs*”. Pela manhã o marido aguardava o sogro a porta da casa para entregar-lhe: um gilete, uma toalha de rosto e um sabonete por ele ser um homem de “*barbas na cara*” por ter “*guardado*” a sua filha para que casasse virgem. Se o marido não encontrasse a virgindade, na manhã seguinte levantava-se com uma perna das calças enrolada até ao joelho e andava pelas redondezas assim trajado para dar a todos o conhecimento da sua desventura, ou em pior dos casos, ele poderia devolver a mulher aos pais, que eram visitados como se tivesse morrido alguém, não se podia falar alto, e tudo isso era considerado uma afronta aos pais.

Existem casos, em que a mulher não sendo virgem consegue enganar o marido com ajuda da madrinha colocando sangue de porco-da-índia “*txuklindra*” no lençol, alegando que casou virgem.

Sendo a noiva virgem, a festa continuava por muitos dias como forma de felicitar o casal.

Quando o casamento era com uma viúva tudo decorria de forma diferente. Se um homem interessasse por uma viúva, oferecia-lhe algo de cor branca e se ela a recebesse era sinal de que era correspondido, mas mesmo assim, não tinha liberdade de dizer ou esperar qualquer coisa por parte dela. Ele tinha de oferecer mais seis objectos brancos: um lenço, um avental, uma saia, etc. No fim do sétimo objecto podia marcar a data do casamento. Mas os festejos e os convidados eram de forma reduzida. Os próprios recém-casados esperavam a retirada dos pouco convidados para “*amarrar o*

defunto”. Porque o povo acredita que a alma do defunto a acompanhava por toda a parte, se não estivesse amarrado.

Sentavam-se ambos na cama que pertencia ao falecido marido e choravam o morto, o homem mais do que mulher, caso contrário, ele morreria também. E, esta era a sua última oportunidade de se referir ao morto e chorava saudades dele. Depois desse choro um pouco prolongado, o actual marido puxava a sua faca e espetava-a sobre o travesseiro e o defunto ficava amarrado eternamente.

4.4. MORTE

A morte é um fenómeno encarado com muito respeito e solidariedade no seio de todos os santantonenses.

Por isso, quando uma pessoa está a viver os seus últimos momentos da vida, ela é visitada com muita frequência pelos parentes, vizinhos e amigos, com o objectivo de a encorajar e ajudá-la a preparar-se para uma *“boa morte”*. Nesta altura, o doente pede e recebe perdão dos seus pecados para que ele possa descansar em paz. Porque quando uma pessoa morre sem receber perdão dos seus pecados a sua alma volta entre os vivos para o receber. Segundo Teófilo Braga *“as almas do outro mundo, se ficam devendo alguma coisa, neste, e lho não perdoam a hora da morte, tem que vir entre os vivos para o ganharem”*³⁹.

Assim, quando o doente entrar na agonia é assistido frequentemente por pessoas que rezam por ele. Se for católica, ele recebe o sacramento da extrema-unção ministrado pelo sacerdote com o objectivo de aliviar o doente dos seus pecados.

Quando o doente morre, o caixão é forrado por dentro de branco e por fora varia de cor de acordo com o sexo e a idade do defunto: de preto, para pessoas idosas, de azul, para rapazes e de cor de rosa ou branco, para raparigas.

Não deve apagar as luzes que estiveram a iluminar o defunto até que o corpo chegue a igreja.

Se o defunto for católico, é levado a igreja e é acompanhado pelo sacerdote até o cemitério. Se pratica a religião, é celebrada uma missa de corpo presente, se não é, é

³⁹ BRAGA, Teófilo – ob. cit. p. 175

encomendado o corpo mas não se celebra a missa. Se se tratar duma pessoa não praticante da religião, é transladada directamente para o cemitério sem se passar pela igreja, o que constitui motivo de tristeza da população e são poucas pessoas que comparecem no funeral.

Quando se coloca o caixão na cova todos os presentes deitam uma mão de terra sobre o mesmo que significa não lembrar mais dele ou a sua alma não aparecer ou o desejo de um eterno descanso para a alma do defunto.

Este acto supersticioso, cremos ser de origem europeia. Segundo Teófilo Braga *“quando se vai acompanhar um defunto, para ele não lembrar mais, ou a alma dele não aparecer, deve deitar-se-lhe na cova uma mão cheia de terra”*⁴⁰.

Também os familiares colocam uma coroa de flores sobre a sepultura do defunto para desejar que a alma descanse em paz.

Após o funeral, os acompanhantes regressam a casa do defunto onde são recebidos com choros pelos familiares. Depois de rezar pela alma do mesmo e da apresentação dos pêsames é servido uma refeição.

A partir deste momento segue-se o nojo de sete ou de trinta dias, de acordo com a idade do defunto, do desejo expressado antes da sua morte, da vontade e da situação económica dos familiares.

Se tratar de uma pessoa idosa, é armada a esteira ou altar no dia seguinte a tarde por uma pessoa entendida da matéria. Coloca-se uma toalha branca na parede, sobre a qual se põe o lenço preto sob a forma de uma cruz, uma mesa coberta com uma toalha ou um lençol branco onde se colocam velas acesas para iluminar a alma do defunto. Uma cruz que simboliza o sofrimento de Jesus Cristo, o que indica que o defunto era um cristão, que tinha fé e acreditava na vida eterna; um terço que é utilizado por uma pessoa presente e quer rezar; um copo de água que se diz para lavar e refrescar a alma do defunto e todas as correspondências dos pêsames enviadas a família enlutada.

Enquanto o “*altar*” não for levantado o espaço onde ele estiver não pode ser abandonado nem a noite. As pessoas da localidade reúnem-se todos os dias a tardinha para rezarem o terço pela alma do defunto.

O “*altar*” é levantado no oitavo dia, ainda que o nojo se prolongue até o trigésimo dia. Para isso são convidadas pessoas de várias localidades para assistirem.

⁴⁰ BRAGA, Teófilo – ob. cit vol I p. 175

Primeiro, são retirados os objectos, um de cada vez e acompanhado de orações e mais tarde cantam a ladainha.

A partir daí é visitada mais por pessoas que ainda não tinham apresentado as condolências a família enlutada.

A duração do luto varia conforme o grau de parentesco existente entre o defunto e os familiares.

Durante este período, as pessoas vestem-se de preto e não podem frequentar lugares de diversão. Caso contrario são criticados pela população por falta de respeito para com a alma do falecido.

Existem ainda outras superstições ligadas a morte:

- As pessoas acreditem que as almas dos mortos quando entrarem nos vivos só podem ser afastadas pelos curandeiros, Padres e Sacristães;
- Sonhar que uma pessoa conhecida morreu é bom sinal, porque lhe dá mais anos de vida;
- Sonhar com sangue é sinal de morte;
- É muito mal quando um doente parte algum objecto de louça porque é sinal de morte;
- É mau agouro abrir um chapéu-de-sol dentro de casa, porque é sinal de morte;
- Quando uiva um cão em sítio em que há alguém doente é sinal de morte para o enfermo;
- Sonhar com penas, é sinal de morte.

4.5. FESTAS DE ROMARIA

Ao torno dos eventos culturais como são as festas de romaria, encontramos também presença de crenças. Assim propomos debruçarmo-nos sobre quatro dessas manifestações: Santa Cruz, Santo António, São Pedro e São João.

Desde os primórdios da humanidade, o Homem na impossibilidade de explicar os fenómenos naturais, atribuíram-nos aos factores sobrenaturais assim:

A “*adoração ou veneração existe desde a antiguidade. Na Bíblia Sagrada há referencias à construção de querubins e uma arca para a veneração*”⁴¹, os homens primitivos adoravam a terra, que os simbolismos e os cultos da mãe-terra da fecundidade humana e agrária, da sacralidade da mulher, (...), não puderam desenvolver-se e construir um sistema religioso amplamente articulado senão pela descoberta da agricultura (...” (ELIADE. 1999:31). Houve sempre algum cuidado com os excessos, principalmente, nas idolatrias que os homens cometiam.

Com a chegada das ditas civilizações, os povos indígenas viram as suas credences serem desacreditadas com a implantação de novas regiões e novos rituais. A nova religião propunha como objectivo a “*socialização das comunidades aldeãs*” (NETO. 1998:466).

Este sentimento vai fazer crescer no povo a ideia de invocar santos, e muitas vezes, percorria grandes distâncias a fim de prestar uma “homenagem” ao santo devoto.

Foi a partir dos séculos XII-XIII, que se assistiu a grande “*proliferação das devoções*” (MATTOSO. S/d: 255). Essas peregrinações, que acontecem desde tempos antigos, originaram as festas de Romaria. Etimologicamente, romaria significa “*ir a Roma*”, a peregrinação mais antiga, conjuntamente com as idas a outros lugares como Jerusalém.

Nestes lugares havia sempre uma parte religiosa com celebração de uma missa para afastar os espíritos impuros e atormentados, e uma procissão.

As actividades de romaria tinham como consequência a paralisação dos trabalhos agrícolas que eram feitas a partir do mês de Junho. Nessa altura não havia grandes intervenções nos campos e o povo aproveitava para fazer as suas promessas, fazer novos pedidos aos santos, louvar os mesmos pelo atendimento de todas as preces concedidas.

As festas de romaria estiveram desde sempre ligadas à cultura popular, pois na sociedade Portuguesa dos finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX havia duas culturas distintas: uma minoria que se dedicava à caça, à montaria ao trovar e ao cortejar; à dança e a musica.

Interessa-se ainda pela linhagem familiar e pela astrologia; a outra, composta por uma maioria constituída por lavradores e agricultores, ferreiros, artesãos, sapateiros e outras profissões, distraía-se nas romarias e feiras, ouvia os feitos milagrosos dos

⁴¹ Vide Livro de Êxodo. In BIBLIA SAGRADA. traduzida por João Ferreira de Almeida. 1947. LISBOA. DEPOSITO DAS ESCRITURAS SAGRADAS pgs. 83-84

santos, assistia à procissões, rezava e bailava numa mistura entre o pagão e o religioso, entre o sagrado e o profano. Bebiam, jogavam a sorte, provocavam desordem e muitas vezes iam parar a prisão.

A figura de Nossa Senhora está muito ligada às festas de devoção. Em Portugal temos exemplos de Nossa Senhora da Agonia em Viana de Castelo; dos Remédios em Lamego; Saúde em Santarém e há referências de que no século XV os negros que estavam em Portugal tinham como santa padroeira na confraria deles a nossa Senhora do Rosário para sua devoção e patrocínio.

Há também Santos devotos como São Torcato, nas proximidades de Guimarães, Santo António de Lisboa, Bom Jesus do Monte, São João no Porto e Braga.

Estas festas para além de estarem ligadas a vida das comunidades rurais também em alguns locais estão voltadas para a vida marítima.

As festas de romaria relacionadas com este trabalho são festejadas em quase todas as ilhas de Cabo Verde, sendo em Santiago e no Maio manifestadas através de tabancas perdendo assim os seus traços europeus, preservando os africanos. É de salientar que estas festas têm a sua maior expressão nas ilhas do grupo de Barlavento e na Brava. Aproveitam estas festas que são realizadas entre os meses de Maio e Junho para agradecer ao divino as boas colheitas que são feitas nestes meses assim como os preparativos do próximo ano agrícola.

Assim, relacionadas com a parte religiosa está o “*pagar promessa*”. Ao longo do ano as pessoas vão fazendo os seus pedidos aos vários santos e no dia da festa aproveitam para pagar as suas promessas, acendendo velas no altar, rodeando a igreja de joelhos, vestidas de saco ou com uma pedra na cabeça. E quem fizer uma promessa terá de pagá-la se não o santo castiga-o.

Há também uma outra cerimónia que consiste no levantar o mastro, denominado de Miron. Este mastro relaciona-se com aquele mastro que Isabel levantou como sinal a Maria que João tinha nascido. É revestido de alecrim e flores perfumadas.

O mastro é levantado no dia da Ascensão do Senhor ao Céu e só é retirado no dia de São Pedro.

No dia das festas, as igrejas eram enfeitadas com oferendas que o povo levava, dando um brilho diferente no interior das mesmas. Estas oferendas podiam simbolizar oferta a Deus como sinal de agradecimento pelo fruto colhido. São também denominadas de Ramos: milho, inhame, mandioca, banana, grogue, peixe constituindo as oferendas. Depois da missa, no átrio das igrejas eram colocados estes Ramos na praça

– Arrematação de Ramos. O povo ia arrematar os ramos numa grande luta conforme a tradição de cada um, revertendo o montante recolhido a favor da igreja local.

Em Santo Antão, nos anos de boas águas, o produto da terra era exposto na praça. Nos anos de mau ano agrícola, levavam outros produtos para não quebrar a tradição. Segundo algumas pessoas inquiridas, há quem arremata os ramos e depois aproveitam alguns produtos como: milho, feijão para a sementeira e que depois os resultados foram satisfatórios.

As festas são marcadas também pela romaria de navios. O navio é transportado por um homem que fica numa espécie de arco que liga a proa a popa que simboliza o marinheiro. (feito nas ruas dos locais da festa). O navio representa as naus ou os veleiros que atravessam os canais das ilhas “tocando” de porto em porto para deixar as cargas. É revestido de velas como as das caravelas de bandeiras de várias nacionalidades e ainda de motivos das festas como rosários (feito de *midje ilhod*, como pipocas, mancara ainda na casca, papel de sede e uma linha em jeito de cordão para enfiar esses ingredientes).

O marinheiro baloiça o navio como se estivesse no mar, ao som do apito do comandante que vai a frente indicando os lados que se deve baloiçar. Esses baloiços uma vez representam as terríveis tempestades, outras representam os mares calmos. Atrás do navio vão só motoristas, que são os tamboreiros que representam a força da máquina. A frente do navio fica a porta – bandeira que é uma mulher.

A *luminária* é utilizada numa das festas de romaria, o fogo aquece, assa e cose os alimentos, simbolizando a purificação.

Na antiguidade com o fogo se faziam as oferendas a Deus. Preparavam as armas através da passagem do ferro pelo fogo. Para além disso, o fogo representa o inferno, lugar de sofrimento eterno.

Diz-se em Santo Antão, que quem brinca com lume faz xixi na cama.

O fogo do purgatório é símbolo portador de sentido, o da salvação pela purificação.

O fogo relaciona-se com o verão, estação quente que se inicia no mês de Junho. Na Europa este mês é festivo porque é altura das colheitas e aproveitam a ocasião para se fazer sacrifícios com objectivo de manter os espíritos malignos afastados da terra que era fértil, também de afastar as calamidades que caíam muitas vezes sobre as plantas, fazendo escassear as colheitas. Mas também, aproveita-se para, à volta do fogo durante as noites, exhibir danças, musicas, saltos sobre a chama, com gritos de alegria.

É por isso que aparecem as fogueiras nas festas de romaria. A fogueira de Santo António tem o formato quadrangular e a de São Pedro e de São João tem o simbolismo para ser compadre de alguém. Mas a fogueira de São João é considerada mais séria. Nas fogueiras de São João e São Pedro, os pais levam os filhos para junto delas gritarem os seus nomes muito alto e os padrinhos, por sua vez fazem o juramento de proteger a criança e depois pularem sobre a fogueira três vezes.

O Baptismo pelo fogo é oriundo das mitologias indo-europeias. São Mateus diz *“Por mim, baptiza-vos com água para vos arrependeis, mas aquele que vem a seguir a mim é mais forte do que eu, que nem sou digno de lhe descalçar as sandálias; ele baptizar-vos-á no espírito santo e em fogo”* (Mateus, 3:11).

A fogueira na noite de São João está relacionada com um sinal à Nossa Senhora que João tinha nascido. Isabel mãe de João, mandou erguer um mastro e acendeu uma fogueira junto dele para o iluminar como sinal a Virgem Maria.

O povo aproveita o dia da *luminaria* para saber o que o destino lhe reserva no ano seguinte. E quem quiser saltar a fogueira tem de o fazer três (3) vezes.

Acreditam ainda que quem fizer uma promessa ao santo, nunca deverá deixar de a cumprir por altura da festa do santo escolhido sob pena de ser castigado.

Veremos cada uma dessas manifestações festejadas em Santo Antão, de per si:

Santa Cruz

As festas de Santa Cruz são uma das manifestações que tem vindo à resistir ao desgaste do tempo.

A festa de Santa Cruz é assim denominada devido a Cruz onde Jesus Cristo foi crucificado, acarretava alguma confusão no dia para sua comemoração.

A igreja festejava esta Santa no dia 3 de Maio – achamento ou invenção da cruz e 14 de Setembro – exaltação da Cruz, conforme a reforma litúrgica operada pelo Concílio Vaticano II. Essa reforma foi promulgada pela constituição sobre a Sagrada Liturgia de 4 de Dezembro de 1963, no mandato do Papa Paulo VI.

*“Nessa promulgação houve várias alterações, sendo uma delas a atribuição do dia 3 de Maio à festa de S.Tiago Menor, apóstolo de Jesus, e a de Santa Cruz apenas para o dia 14 de Setembro”*⁴². Essa decisão não agradou aos organizadores da festa, por isso instalou um certo conflito entre os envolvidos. A população escolheu então o dia 3 de

⁴²SANTOS DE CADA DIA, sob organização de José Leite, S.J. Braga, 2ª Ed. 1-987, vol. III p. 51

Maio para festejar a Santa Cruz, assim como em Cabo Verde. Mesmo simbolizando a liberdade dos escravos e o alto grau de dignidade por parte dos senhores, chegou-se a pensar em restringi-la, no séc. XVIII, devido aos excessos de embriaguês e desordem durante a festa.

Na ilha de Santo Antão, esta festa realiza-se no dia 3 de Maio nas localidades de Coculi e de Chã-de-Pedras.

As pessoas deslocam-se no dia 1 de Maio de quase todas as localidades à Coculi e a Chã-de-Pedras por vezes a pé e regressam para casa no dia 4 de Maio povoando as ribeiras a fim de participar nas festas.

Esta festa abarca uma parte sagrada com missa e procissão onde aproveitam a ocasião para sondar o ano agrícola e uma parte profana.

Em Santo Antão esse dia é o dia da bandeirinha ou ascensão do senhor. De véspera, os romeiros preparam-se um mastro enfeitado de plantas silvestres e papéis de cores garridas, encimado de um pano que desfraldado ao sabor do vento. No dia da ascensão, perante a assistência, solicita uma pomba que fica na bandeirinha a ditar o destino dos camponeses: se voar para o mar, o ano não será de boas águas mas se escolher a nascente, o ano será promissor.

Santo António

*“Santo António nasceu em Lisboa a 15 de Agosto de 1195 e faleceu a 13 de Junho de 1232 dia que lhe é dedicado”*⁴³. Pertenceu à ordem franciscana. Santo António de Lisboa é também conhecido por Santo António de Pádua não só por ter vivido e morrido naquela cidade em Itália como também por ter realizado dois dos seus grandes milagres que o notabilizaram: o sermão aos peixes, quando as pessoas negaram ouvi-lo; o desdobramento em duas personalidades. Soube que o pai tinha sido condenado à forca em Lisboa e prestes a ser morto em plena eucaristia.

Encostou-se ao altar ficando estático e viajou até à cidade. Salvou o pai da morte depois regressou e continuou a eucaristia sem os participantes reparassem.

Santo António é conhecido pelo santo casamenteiro capaz de promover ou de facilitar casamentos. As moças solteiras que andam a procura de noivo aproveitam esta ocasião para fazer as súplicas ao santo:

⁴³ *A Alma e Gente* - Programa da RTP-África apresentado por Hermano Saraiva – 2 de Janeiro 2005

Santo António me casa já
Enquanto sou moça e viva
Porque o milho colhido tarde
Não dá palha nem espiga

A imagem do Santo é figurada pela representação de um homem vestindo um hábito dos frades e trazendo sempre o menino Jesus ao colo.

Em Santo Antão, as festas de Santo António, são realizadas na vila das Pombas, no Concelho de Paúl no dia 13 de Junho. No lado direito do átrio da igreja, colocam o *miron* ou mastro alguns dias antes da realização da festa.

No topo do *miron* é colocado uma bandeirinha, colocando num lado da bandeira uma pomba e noutro o sagrado coração de Jesus, que surgiram segundo nos diz uma lenda: que um barco fazendo uma viagem, perdeu-se de rumo. Então o seu capitão sentindo em perigo, pediu a Deus para lhe dar uma luz. Mal acabou-se as suas orações a pareceu uma pomba que foi poisar no mastro do navio. Levantando-se depois o voo e o capitão seguiu a sua viagem.

O capitão vendo nisso como um sinal divino, deu graças a Deus por tê-lo livrado do grande tormento.

É a explicação desses símbolos que se encontram na bandeira: a bomba, a cruz e o sagrado coração de Jesus. No dia de “*fincar mirom*”, uma das organizadoras da festa, acompanhada de tamboreiros, dirige-se a casa da devota – a madrinha que guarda os referidos símbolos, e encaminha-se para o largo da igreja contanto a “*luz do espírito santo*”. Quando chega, um dos tamboreiros, ele dá três esporadas bem fortes e compassados.

Algumas pessoas ali presentes colocam a bandeira e os símbolos, as mulheres revestem-no de alecrim e flores de várias qualidades, de seguida é levantado pelos homens e só é descido no dia de São Pedro.

São João

S. João é conhecido como o precursor “*voz de quem clama no deserto*”⁴⁴ (Marcos, 1:3). “*Era filho de Isabel, prima de Maria, e de Zacarias. Maria ajudou Isabel no parto de João. Recebeu o apelido de Baptista por ter feito o Baptismo de*

⁴⁴ O Evangelho de S. Marcos, IN Novo Testamento – Salmos, Provérbios

arrependimento, para remissão dos pecados”⁴⁵ (Marcos, 1:4), no rio Jordão, inclusive o de Jesus.

As festas de S. João são conhecidas por festas juninas por serem realizados no mês de Junho. Constam de uma fogueira e de um mastro”, compostos por “um feixe de palha seca e folhas perfumadas de manjerição”, objectos que Maria levou quando João estava quase a nascer. A devassidão do São João é explicado por andar “*vestido de peles de camelo, e com um cinto de couro em redor de seus lombos, e comia gafanhotos e mel silvestres*”⁴⁶

São João é conhecido pelo Santo festeiro e dorminhoco.

Segue-se um canto desse santo:

S. Jon adormeceu

S. Jon adormeceu

Debaixo de laranjeira

Oh, S. Jon

Oh, S. Jon

Que tão bem cheira

Oh, sebe!

Oh, sebe!

Oh, S. jon

Que tão bem cheira

Oh sebe (...)

Por isso na altura da festa costuma-se lançar foguetes para o acordar do sono profundo em que está emergido.

São João é também considerado “*revolteado*” devido as peripécias de um português por nome de Francisco Lima e Melo a sua patrícia Mariana da Rocha Pinta.

As festas de Santo João em Santo Antão realizam-se no Porto Novo a 24 de Junho.

Acredita o povo que quando assopra muito vento, característica da época e presságio de boas águas, dizem que é S. João a fugir à Ribeira das Patas, pois tinha vindo ao Porto Novo, onde fica a sua devota capela, para pescar e depois voltava à sua igreja de Ribeira das Patas.

⁴⁵ Idem

⁴⁶ Idem

Assim, na véspera da festa, um pequeno grupo de pessoas saía da vila do Porto Novo de manhã e dirigia-se à Ribeira das Patas para alcançar o Santo. À tarde, outro grupo ia ao encontro dos que regressavam esfomeados e cansados da caminhada feita.

O Santo era transportado à cabeça por uma senhora que fez uma promessa de trazê-lo e levá-lo todos os anos. Mas com o envelhecimento da senhora, outra de nome Joana Marcelina encarregada de fazer o trajecto com o santo. Quando chega à igreja do Ribeirão, as pessoas encaminhavam-se para a procissão. A verdadeira festa é no Porto Novo e no dia 25 de Junho é festejado o regresso do santo na Ribeira das Patas com missa e ao ritmo dos tambores, conhecido por São Joãozinho.

São João é também conhecido como protector dos casamentos e enfermos. Por isso, procura-se na noite de São João à sorte, deitando-se na véspera um ovo quebrado em um copo de água. Se a gema do ovo configurar um navio é sinal que no ano seguinte a pessoa poderá viajar e seguir o caminho da emigração; se sair um caixão é sinal que vai morrer, se sair um vestido de noiva, haverá casamento. E depois de deitar o ovo na água teria de sair e saltar a *luminária* três vezes.

A imagem do santo é afigurada pela representação de um homem vestindo peles de animais com uma vara de pastor nas mãos.

São Pedro

São Pedro, um dos 12 apóstolos, o chefe escolhido por Jesus, é o grande conservador das chaves das portas do céu, porque Jesus lhe delegou esse poder: “*e eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus*” (Mat 16:19)

São Pedro segundo reza a Bíblia, nasceu na Galileia, exercia a profissão de pescador com o irmão André, um dos doze apóstolos, e os filhos de Zebedeu, João e Tiago, ambos apóstolos.

O nome de Pedro era Simão, mas Jesus o “baptizou” com este nome depois duma confissão feita, “(...) *tu és o Cristo, filho de Deus vivo.*” (Mat 16:16) e logo de seguida Jesus respondeu “(...) *tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*” (Mat 16:18) ficou celebre também pela negação que fez a Jesus depois deste ser preso mas redimiou-se logo a seguir. Diz-se que ele é quem abre as portas do céu quando morrermos.

A festa de S. Pedro é feita no Vale da Garça no dia 29 de Junho e assim fecha o ciclo das denominadas festas juninas. Nesta festa mantém-se vivas o mastro (miron) ou

a festa do mastro, tradição essa referida anteriormente que da mesma forma ainda se continua nas ilhas da Brava e da Boavista.

S. Pedro não goza dos mesmos sentimentos que Santo António ou mesmo de S. João no seio da população santantonense. Ele é importante para as mulheres viúvas se estas não tiverem a intenção de casar novamente.

Conta o povo que quando caem as chuvas, dizem que é S. Pedro a abrir as torneiras do céu ou quando há trovoadas é ele a tocar tambor para alertar e meter medo as pessoas que cometem pecados na terra.

Os pescadores homenageiam S. Pedro enfeitando os botes e os barcos e depois saem no alto mar.

A imagem do Santo afigura-se um homem trazendo um molho de chaves e um cajado nas mãos.

CONCLUSÃO

Ao percorrer os aspectos deste trabalho, convém registar algumas conclusões:

A ilha de Santo Antão por ser tipicamente montanhosa, as suas cadeias e os profundos vales ao longo dos tempos constituíram autênticos factores de isolamento entre as populações. Logo esses elementos naturais agravados com a não existência de um sistema ou mesmo de vias de comunicação determinaram um passado bastante longínquo, um contacto fraco entre os santantonenses e o exterior. O que demonstra que o homem ao fixar-se num determinado meio, acaba por estabelecer relações profundas com o seu meio, sua realidade vivencial e existencial.

Se tomarmos em consideração o povoamento das ilhas de Cabo Verde e particularmente a de Santo Antão, veremos que foi um povoamento específico com predominância do elemento europeu, mas que o elemento africano influenciou bastante na implementação de uma identidade cultural normal. A fusão dessas duas realidades culturais e filosóficas, enriqueceu a criatividade de um povo que muitas vezes na impossibilidade de explicar fenómenos naturais atribuíram-nas à factores sobrenaturais. Sem deixar de lado os cenários de medo que os contrabandistas preparam a noite fazendo afugentar as pessoas a fim de comercializarem aguardente e fazer negócios ilícitos de banana e de tabaco.

É de salientar também que a Igreja Católica tem contribuído muito para a preservação de alguns actos tradicionais e religiosos nomeadamente as orações fúnebres, os ritos funerários de encomendação das almas, as festas de romaria, os enterros que assumem para o povo um lugar muito importante.

Assim sendo, os mitos, as crenças, o medo, os usos e os costumes foram conservados e transmitidos de geração em geração provocando inibições, temores, receios e tensões na convivência social. Tudo isso limitou a capacidade de raciocínio

lógico e de desenvolvimento cultural como também desvios de carácter impedindo muitas vezes a criação de laços de convivência e de solidariedade nas comunidades.

Muitos dos inquiridos afirmaram ser supersticiosos. Alguns que não são, mas admitem calçar sempre o pé direito primeiro porque se não cumprir o ritual, poderá acontecer algo de errado naquele dia.

Outros dizem que “*não sabem*” se são supersticiosos ou talvez dizem que os pais, ou os avós é que lhes contaram histórias de bruxas, katxorronas, almas penadas, mosong entre outros e por isso, não têm de negar nada.

Deparamos que nos concelhos da Ribeira Grande e do Porto Novo, algumas pessoas assumem sem receio as suas práticas e há outras que efectuem – as às escondidas, evitando certos constrangimentos porque a sociedade pode classificá-las de mesquinhas, frustradas, e de mal sucedidas na vida.

De acordo com a pesquisa feita verificamos que nos espaços rurais o supersticioso é mais evidente do que nos espaços urbanos. Essa perda da intensidade das superstições nos meios urbanos é devido ao nível de escolarização dos seus habitantes, das influências da comunicação social, da emigração, do êxodo rural e da convivência com as pessoas das outras ilhas.

No que diz respeito as festas familiares como “*guarda-cabeça*” e baptismo, constatamos que apesar das transformações por que vem passando a sociedade santantonense ainda continua a conservar alguns aspectos, embora com algumas alterações nos tradicionais.

Quanto as festas de romaria, algumas continuam a ganhar proporções de ano para ano, onde o religioso e o profano se misturam.

Finalmente concluímos que as manifestações culturais santantonenses apesar de estarem perdendo terreno, não deixam de ser importantíssimas para os filhos de hoje que querem aprender, enriquecer e dar um contributo a cultura cabo-verdiana e a santantonense em particular.

Deste modo manifestamos a nossa satisfação por ter alcançado alguns dos objectivos pré-estabelecidos no decorrer deste estudo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – AMARAL, Ilidio do, Cabo Verde: Introdução Geográfica, in História de Cabo Verde vol 1, Lisboa, (S/ed), 1991.
- 2 – BARCELOS, Cristiano José de Senna– Subsídios Para a História de Cabo Verde e Guiné. Lisboa Typographia da Academia Real das Sciencias, 1899 – 1900 partes I e II.
- 3 – BERNARDI, Bernardo Introdução aos Estudos Etno – Antropológicos, Lisboa, Edições 70,1988.
- 4 – BIBLIA SAGRADA. Lisboa, PAULUS editora, 3ª Edição 1997
- 5 – BRAGA, Teófilo, O Povo Português, nos seus Costumes, Crenças e Tradições, Lisboa, Publicações D. Quixote, Reedição, 1985 vols I e II.
- 6 – BRÁSIO, Padre António – Monumento Missionário Africana – África Ocidental 1600 – 1622, Lisboa, Agência de Ultramar, 1958, II série, vol II.
- 7 – CARREIRA, António, Cabo Verde, Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata, (1460 – 1878). 2ª Ed, ICL, Praia, 1983.
- 8 – COELHO, F. Adolfo, Contos Populares Portugueses, Lisboa – 1879, sd.
- 9 – DINIZ, A Castanheira e MATOS, G. Cardoso de– Carta de Zonagem Agro – Ecológica e da Vegetação de Cabo Verde, ilha de Santo Antão, Lisboa.(1990)
- 10 – LIMA, Humberto – Tradição Oral como Património, Descoberta das Ilhas de Cabo Verde, Arquivo Histórico Nacional, Praia, 1998.
- 11 – LIMA, José Joaquim Lopes, Ensaio sobre Estatísticas das Possessões Portuguesas na África Ocidental e Oriental, Lisboa, Imprensa Nacional, 1984.
- 12 – LOPES, Baltazar, Chiquinho, ed. África, 1984
- 13 – LOPES FILHO, João, Contribuições para o Estudo da Cultura Cabo-verdiana, Lisboa, Biblioteca Ulmeiro, 1983.
- 14 – LOPES FILHO, João, Cabo Verde, Retalhos do Quotidiano, S. A. Lisboa, Editorial Caminhos, 1995.

- 15 – LOPES FILHO, João, Estória, Estória, Lisboa. Ulmeiro. 1978
- 16 – LOPES FILHO, João, Subsídios para um Levantamento Cultural, Lisboa, Plátano Editora, 1981.
- 17 – LOPES, Manuel – Chuva Braba, Lisboa, Ed. 70, 1985.
- 18 – MALINOWSKI, Bronislaw, Uma Teoria Científica da Cultura, Lisboa, Edições 70. 1997.
- 19 – MENDES, Arlindo, Atitude do Santiaguense perante a morte –Rituais Fúnebres, FLUP, Porto 2003.
- 20 – MOLINA, N.A. Antigo Livro de São Cipriano o Gigante e Capa de Aço, Lisboa ed. espiritulista, 1987.
- 21 – ROCHA, Agostinho – Subsídios para a Historia da Ilha de Santo Antão (1462-1982), Edição 1990.
- 22 – LEITE, José (org) Santos De Cada Dia, Braga, Editora Oficinas da Tilgráfica, 2ª ed. 1987, Vol. I e II
- 23 – SEMEDO, José Maria e TURANO, Maria R., O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca, Praia, Spleen, ed. 1997.
- 24 – SILVA, Tomé Varela da, «Crenças e Religiões», in , Descoberta das ilhas de Cabo Verde, Praia, Arquivo Histórico Nacional, 1998, p 152 – 175.

ANEXOS

Instituto Superior de Educação
Departamento de História e Filosofia

Inquérito

No âmbito da elaboração de um trabalho científico para obtenção do grau de Licenciatura, pretendo apresentar um trabalho intitulado “***A ilha de Santo Antão – Mitos e Crenças populares***”, para efeito, proponho realizar um inquérito à alguns santantonenses.

O objectivo é recolher opiniões de cada um.

Espero a sua colaboração no preenchimento deste inquérito.

Ruth Ivone Pires Monteiro Graça

1. Acredita nas crenças (Bruxas, Mosong, Kenilinha, Minguarda, Gongon...)?

Sim

☐

Não

☐

2. Caso responder sim,

Queira falar um pouco sobre as crenças.

3. Algum dia viu alguma coisa assim?

Sim

☐

Não

☐

4. Poderia descrever o que viu ou ouviu? Caso tenha visto ou ouvido.

5. Como é que explica esse fenómeno?

6. Já ouviu histórias de crenças contadas por outras pessoas?

7. Que crenças estão relacionadas com: Nascimento, Baptismo, Casamento, Morte, Festas de romaria...?

8. Quais são para si os locais da ilha mais famosos neste tipo de crenças?

9. Quem acredita mais?

Crianças

Jovens

Adultos

☐☐☐

10. Que nível sócio-cultural têm os que acreditam nesses fenómenos?

11. Para si, até que ponto as superstições influenciam na vida das pessoas?



Estampa 1 – Festas de Romaria de São Pedro



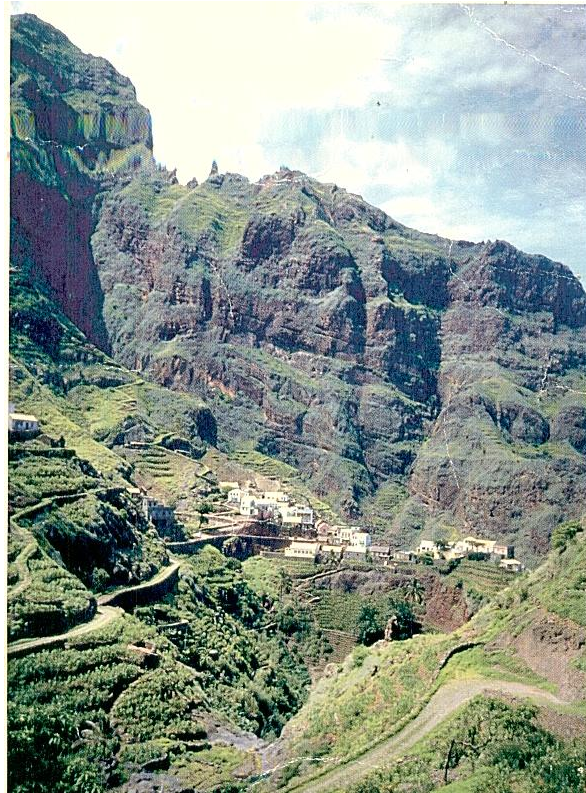
Estampa 2 – Festas de Romaria de São Pedro



Estampa 3 – Festas de Romaria de São João



Estampa 4 – Dois dos informantes entrevistados



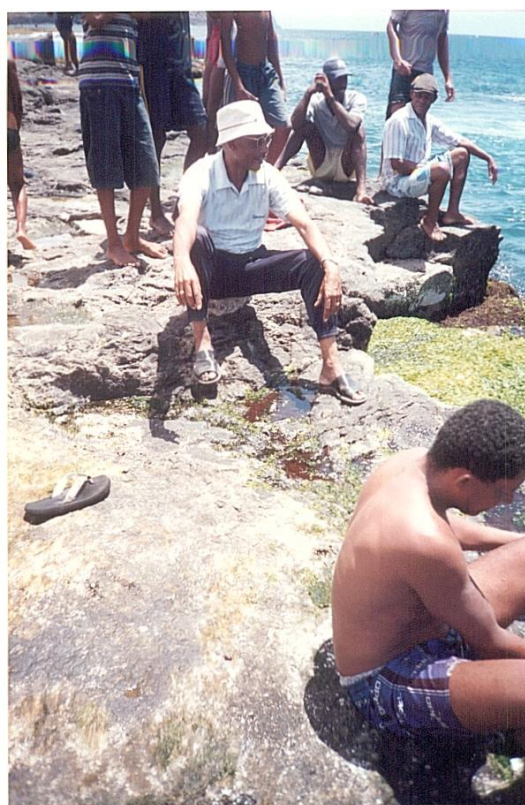
Estampa 5 – Paisagem de Fontaínhas- Ribeira Grande



Estampa 6 – Paisagem de porto de pescas de Lagedos – Ponta do Sol



Estampa 7 – Paisagem de Baía – Ponta do Sol



Estampa 8 – Lagedo - Informantes



Estampa 9 – Lagedo - Informantes



Estampa 10 – Informante – Povoação, Ribeira Grande